

Banco de Recursos

Rumos 5

História e Geografia
de Portugal

- Guias de exploração
 - Recursos multimédia
 - *Linha do Tempo*
 - Filmes (VER+)
 - Livros (LER+)
- Outro recursos*
 - Documentos escritos; dramatizações; entrevistas a personalidades históricas
- Rumos do Património*
- Sugestões de utilização e propostas de soluções do jogo *Vamos começar... Descobre o teu Manual!*
- Grelha de pontuação do *Jogo dos Quês**

*Materiais disponíveis, em versão projetável, em 

ASA

1

Guias de Exploração

Recursos multimédia, 3

Linha do Tempo, 12

Filmes (VER⁺), 14

Livros (LER⁺), 18

1. Tipologia de Recursos Multimédia

O **20 AULA DIGITAL** é uma ferramenta inovadora que possibilita, em sala de aula, a fácil exploração do projeto *Rumos 5* através das novas tecnologias. Deste modo, dá acesso a todos os conteúdos multimédia associados ao Manual.

Este documento apresenta a listagem de todos os recursos, ordenados por tipologia, que estarão disponíveis com o projeto no **20 AULA DIGITAL**. Apresenta, igualmente, uma proposta de exploração dos conteúdos multimédia presentes na versão de demonstração (com indicação das respetivas Metas e Descritores).

LISTAGEM GERAL DOS RECURSOS MULTIMÉDIA DO RUMOS 5

Tipologia de Recurso	Títulos
Animações Recursos multimédia que apresentam, de forma precisa e sintética, conteúdos de cada subdomínio das Metas Curriculares. São constituídos por grande diversidade de fontes, nomeadamente ilustrações, mapas e imagens. A existência, em todas as animações, de um menu simples e acessível permite navegar facilmente dentro do próprio recurso. As animações finalizam sempre com a apresentação de uma síntese dos conteúdos abordados e com uma atividade de consolidação de conhecimentos. Em suma, um recurso que permite ao professor estruturar a aula em conformidade com os conteúdos do Manual <i>Rumos 5</i>. Total de animações disponíveis no projeto: 19 (4 na versão de demonstração)	Domínio A • A Península Ibérica: relevo e rios • A Península Ibérica: clima e vegetação natural Subdomínio B1 • As comunidades recoletoras • As comunidades agropastoris • Os povos comerciantes do Mediterrâneo (3D) Subdomínio B2 • A cidade romana de Ammaia (3D) • A romanização • O cristianismo • As invasões bárbaras Subdomínio B3 • A expansão muçulmana Subdomínio B4 • D. Afonso Henriques e a luta pela independência • A afirmação do reino de Portugal Subdomínio C1 • Viagem a um senhorio medieval (3D) • A vida num mosteiro no século XIII • O povo no século XIII • A resistência à invasão castelhana Subdomínio C2 • A expansão portuguesa: de Ceuta ao cabo da Boa Esperança • O Império Português no século XVI Subdomínio C3 • A morte de D. Sebastião e a sucessão ao trono
Apresentações temáticas (PowerPoint®) Apresentações em PowerPoint® dos conteúdos essenciais de cada subdomínio das Metas Curriculares.	Subdomínio B1 • Os povos castrejos e os seus contactos com os povos mediterrânicos Subdomínio B2 • A romanização

LISTAGEM GERAL DOS RECURSOS MULTIMÉDIA DO RUMOS 5

Tipologia de Recurso	Títulos
Total de apresentações PowerPoint® no projeto: 7 (1 na versão de demonstração)	Subdomínio B3 • A herança muçulmana Subdomínio B4 • A formação do reino de Portugal Subdomínio C1 • A sociedade do século XIII Subdomínio C2 • Rumo à Índia e ao Brasil Subdomínio C3 • A Restauração da independência
Vídeos Recursos em formato de vídeo documental, elaborados com o duplo objetivo de sintetizar conteúdos relevantes de aprendizagem e de servir de agente/meio de motivação para os alunos. O professor pode, ainda, sugerir aos alunos que visionem o vídeo em casa para, posteriormente, ser analisado na sala de aula (esta estratégia pedagógica permitirá ao professor lecionar os conteúdos com mais profundidade e em menos tempo). Total de vídeos disponíveis no projeto: 11 (2 na versão de demonstração)	Domínio A • A Península Ibérica: Quadro Natural Subdomínio B1 • Visita ao Parque Arqueológico do Vale do Coa • A citânia de Briteiros (Guimarães) Subdomínio B2 • A presença romana em Portugal Subdomínio B3 • A herança muçulmana Subdomínio B4 • O castelo de Guimarães Subdomínio C1 • O estilo românico • O estilo gótico Subdomínio C2 • Visita à nau quinhentista de Vila do Conde • O estilo manuelino Subdomínio C3 • A guerra da Restauração
Vídeos Motivacionais Conjunto alargado de excertos de documentários, filmes e reportagens que constituem instrumentos privilegiados para motivação de aula. No projeto <i>Rumos 5</i>, apresenta-se um vídeo motivacional para cada aula. Total de vídeos disponíveis no projeto: 54 (12 na versão de demonstração)	Domínio A • Vídeos motivacionais A/1-7 Subdomínio B1 • Vídeos motivacionais B1/1-4 Subdomínio B2 • Vídeos motivacionais B2/1-4 Subdomínio B3 • Vídeos motivacionais B3/1-4 Subdomínio B4 • Vídeos motivacionais B4/1-4 Subdomínio C1 • Vídeos motivacionais C1/1-12 Subdomínio C2 • Vídeos motivacionais C2/1-15 Subdomínio C3 • Vídeos motivacionais C3/1-4

LISTAGEM GERAL DOS RECURSOS MULTIMÉDIA DO RUMOS 5

Tipologia de Recurso	Títulos
Atividades Atividades de construção de puzzles que permitem aos alunos conhecer e trabalhar, de forma lúdica, imagens significativas dos conteúdos abordados. Total de atividades disponíveis no projeto: 10 (1 na versão de demonstração)	Domínio A • Puzzle 1 Subdomínio B1 • Puzzle 2 Subdomínio B2 • Puzzle 3 Subdomínio B3 • Puzzle 4 Subdomínio B4 • Puzzle 5 Subdomínio C1 • Puzzle 6 e 7 Subdomínio C2 • Puzzle 8 e 9 Subdomínio C3 • Puzzle 10
Jogos Jogos no modelo “quiz” (um por domínio), que permitem aos alunos testar, de forma lúdica, os seus conhecimentos e reforçar a competência de trabalho em equipa. Total de jogos disponíveis no projeto: 3 (1 na versão de demonstração)	Domínio A • Rumos do Saber (Tema A) Domínio B • Rumos do Saber (Tema B) Domínio C • Rumos do Saber (Tema C)
Áudios Conjunto alargado de excertos de recriações musicais de época que, para além de permitirem momentos lúdicos na aula, são um recurso-fonte de motivação dos alunos. Total de áudios disponíveis no projeto: 14 (4 na versão de demonstração)	Subdomínio B1 • Música do Paleolítico (recriação) • Música grega (recriação) • Música fenícia (recriação) Subdomínio B2 • Música romana (1) (recriação) • Música romana (2) (recriação) • Música visigoda (recriação) Subdomínio B3 • Música muçulmana medieval (recriação) • Música muçulmana medieval da Andaluzia (recriação) Subdomínio C1 • Música da corte do rei D. Dinis (recriação) • Cantigas de Santa Maria do rei Afonso X (recriação) • Canto gregoriano (1) (recriação) • Canto gregoriano (2) (recriação) Subdomínio C2 • Música portuguesa do século XVI (recriação) Subdomínio C3 • Música portuguesa do século XVII (recriação)

LISTAGEM GERAL DOS RECURSOS MULTIMÉDIA DO RUMOS 5

Tipologia de Recurso	Títulos
Testes Testes compostos por oito questões, que permitem a revisão dos conteúdos de cada subdomínio. São disponibilizados em duas versões: para aluno e para professor. Total de testes disponíveis no projeto: 16 (8 para aluno + 8 para professor) (2 na versão de demonstração)	Domínio A • A Península Ibérica: Localização e Quadro Natural (aluno e professor) Subdomínio B1 • As Primeiras Comunidades Humanas da Península Ibérica (aluno e professor) Subdomínio B2 • Os Romanos na Península Ibérica (aluno e professor) Subdomínio B3 • Os Muçulmanos na Península Ibérica (aluno e professor) Subdomínio B4 • A Formação do Reino de Portugal (aluno e professor) Subdomínio C1 • Portugal nos séculos XIII e XIV (aluno e professor) Subdomínio C2 • Portugal nos séculos XV e XVI (aluno e professor) Subdomínio C3 • Portugal da União Ibérica à Restauração da Independência (aluno e professor)
Suportes multimédia de aula Apresentações em PowerPoint®, aula a aula, com palavras-chave organizadoras, questões orientadoras e respetivos suportes de texto/imagens e, a fechar, atividades. São um importante instrumento pedagógico, ao serviço de estratégias motivadoras para todas as aulas do 5.º ano. Total de suportes multimédia disponíveis no projeto: 54 (1 por aula) (12 na versão de demonstração)	Domínio A • Suporte multimédia de aula A-7 Subdomínio B1 • Suporte multimédia de aula B1-4 Subdomínio B2 • Suporte multimédia de aula B2-4 Subdomínio B3 • Suporte multimédia de aula B3-4 Subdomínio B4 • Suporte multimédia de aula B4-4 Subdomínio C1 • Suporte multimédia de aula C1-12 Subdomínio C2 • Suporte multimédia de aula C2-15 Subdomínio C3 • Suporte multimédia de aula C3-4
Soluções Soluções projetáveis de todos os exercícios do Manual e do Caderno de Atividades.	

2. Proposta de exploração dos conteúdos multimédia da versão de demonstração

Em seguida, apresenta-se uma exemplificação referente ao subdomínio **C1 – Portugal nos séculos XIII e XIV**. Os restantes subdomínios estarão disponíveis, em setembro de 2016, em **20 AULA DIGITAL**.

Recurso	Metas	Sugestões de exploração
Animação A vida num mosteiro no século XIII  Animação que descreve a vida num mosteiro do século XIII, combinando pormenores de ilustração com imagens da época e canto gregoriano. O recurso termina com uma síntese da matéria e um exercício de consolidação de conhecimentos. Páginas 113 e 120, Manual	Portugal nos séculos XIII e XIV 2. <i>Conhecer e compreender aspetos da sociedade e da cultura medievais portuguesas dos séculos XIII e XIV</i> 2.5 Caracterizar domínios senhoriais nobiliárquicos e eclesiásticos, tomando como exemplo o domínio de um mosteiro ou de um domínio laico.	Momento pré-exploração do recurso Apresentar aos alunos um excerto de canto gregoriano para os sensibilizar ou envolver no ambiente da época em estudo. e/ou Visionar excerto do filme <i>O Nome da Rosa</i> que retrata um <i>scriptorium</i> medieval. Exploração do recurso • Informar previamente os alunos que, à medida que visionam a animação, devem registar no caderno os termos que considerem ser mais relevantes. • Identificar as partes principais de um mosteiro. • Enumerar as principais atividades realizadas pelos monges/monjas. • Explicar o papel dos mosteiros enquanto centros de cultura e de assistência às populações. • Realizar a atividade final do recurso de modo a consolidar os conhecimentos adquiridos. Momento pós-exploração do recurso • Propor aos alunos que, em trabalho de pares, assumam o papel de monge/monja, e descrevam o seu dia a dia.
Animação O povo no século XIII 	Portugal nos séculos XIII e XIV 2. <i>Conhecer e compreender aspetos da sociedade e da cultura medievais portuguesas dos séculos XIII e XIV.</i> 2.1 Identificar os grupos sociais medievais, destacando os privilegiados e os não privilegiados. 2.4 Referir a dificuldade em ascender socialmente na Idade Média.	Momento pré-exploração do recurso • Realizar, com os conhecimentos prévios dos alunos, uma lista de ocupações desempenhadas por pessoas do povo na época medieval. e/ou • Apresentar um excerto de uma cantiga de escárnio e maldizer para inteirar os alunos dos valores, ideais e/ou críticas sociais da época.

Recurso	Metas	Sugestões de exploração
Animação que apresenta o povo do século XIII (ocupações deveres, habitação, vestuário, cultura), combinando pormenores de ilustração com imagens da época. O recurso termina com uma síntese da matéria e um exercício de consolidação de conhecimentos. Página 115, Manual	2.8 Relacionar o crescimento económico dos séculos XII e XIII com o fortalecimento da burguesia nas cidades. 2.10 Referir aspetos da cultura popular e da cultura cortesã deste período.	Exploração do recurso • Informar previamente os alunos que, à medida que visionam a animação, devem registar no caderno os termos que considerem ser mais relevantes. • Identificar as ocupações/atividades dos membros do povo. • Explicar o aparecimento de um novo grupo social no século XIII: a burguesia. • Descrever as condições de vida do povo. • Caracterizar a habitação e o vestuário dos camponeses. • Caracterizar a cultura popular. • Realizar a atividade final do recurso de modo a consolidar os conhecimentos adquiridos. Momento pós-exploração do recurso • Propor, para trabalho de pares, a redação de um texto (cerca de seis linhas) que incluía as seguintes palavras: povo, camponeses, serviços, rendas, peregrinações.
Animação Viagem a um senhorio medieval (3D)  Animação que simula uma viagem por um senhorio medieval (recriado num modelo tridimensional). Termina com uma síntese dos conteúdos abordados e com uma atividade de consolidação de conhecimentos. Páginas 116 e 117, Manual	Portugal nos séculos XIII e XIV 2. <i>Conhecer e compreender aspetos da sociedade e da cultura medievais portuguesas dos séculos XIII e XIV.</i> 2.3 Indicar os privilégios do clero e da nobreza e as obrigações dos camponeses, especialmente nos domínios senhoriais. 2.5 Caracterizar domínios senhoriais nobiliárquicos e eclesiásticos, tomando como exemplo o domínio de um mosteiro ou de um domínio laico.	Momento pré-exploração do recurso • Apresentar aos alunos uma imagem de trabalho rural na época medieval e pedir-lhes para escolherem três palavras para a descrever. Exploração do recurso • Informar previamente os alunos que, à medida que visionam a animação, devem registar no caderno os termos que considerem ser mais relevantes. • Distinguir as duas partes que formam um senhorio. • Identificar os principais edifícios existentes num senhorio. • Referir as obrigações a que os camponeses e servos estavam sujeitos nas terras do senhor. • Descrever as condições de vida dos servos e camponeses. • Realizar a atividade final do recurso de modo a consolidar os conhecimentos adquiridos.

Recurso	Metas	Sugestões de exploração
		Momento pós-exploração do recurso • Propor, para trabalho de pares, a redação de um texto (cerca de seis linhas) em que os alunos assumam o papel de um camponês de um senhorio medieval.
Vídeo O estilo românico  Vídeo que apresenta as principais características do estilo românico, com base na igreja de São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim). Página 126, Manual	Portugal nos séculos XIII e XIV 2. Conhecer e compreender aspetos da sociedade e da cultura medievais portuguesas dos séculos XIII e XIV. 2.9 Identificar algumas características da arte românica e da arte gótica, em edifícios localizados em território nacional.	Momento pré-exploração do recurso • Apresentar aos alunos uma imagem da igreja de São Pedro de Rates para, em trabalho de pares, indicarem o aspeto/característica que consideram mais significativo. Exploração do recurso • Informar previamente os alunos que, à medida que visionam o vídeo, devem registar no caderno os termos que considerem ser mais relevantes. • Identificar as principais características da arquitetura românica, relacionando-as com a insegurança da época da Reconquista. • Caracterizar os elementos essenciais da escultura românica. • Realizar a atividade final do recurso de modo a consolidar os conhecimentos adquiridos. Momento pós-exploração do recurso • Propor aos alunos que construam um quadro-síntese com as principais características da arquitetura românica. e/ou • Propor aos alunos que desenhem uma igreja românica.
Vídeo O estilo gótico  Vídeo que apresenta as principais características do estilo gótico com base no Mosteiro da Batalha. Página 127, Manual	Portugal nos séculos XIII e XIV 2. Conhecer e compreender aspetos da sociedade e da cultura medievais portuguesas dos séculos XIII e XIV. 2.9 Identificar algumas características da arte românica e da arte gótica, em edifícios localizados em território nacional.	Momento pré-exploração do recurso • Apresentar aos alunos uma imagem da igreja de São Pedro de Rates e uma imagem do Mosteiro da Batalha, propondo-lhes que identifiquem três diferenças. Exploração do recurso • Informar previamente os alunos que, à medida que visionam o vídeo, devem registar no caderno os termos que considerem ser mais relevantes. • Identificar as principais características da arquitetura gótica. • Caracterizar os elementos essenciais da escultura gótica.

Recurso	Metas	Sugestões de exploração
		- Realizar a atividade final do recurso de modo a consolidar os conhecimentos adquiridos. Momento pós-exploração do recurso - Propor aos alunos que construam um quadro síntese com as principais características da arquitetura gótica. e/ou - Propor aos alunos que desenhem a fachada de uma igreja gótica.
Animação A resistência à invasão castelhana  Animação que apresenta, a partir de fontes diversas (imagens, mapas e ilustrações), os principais acontecimentos políticos e militares ocorridos entre a morte de D. Fernando e a vitória portuguesa na batalha de Aljubarrota. O recurso termina com uma síntese dos conteúdos e um exercício de consolidação de conhecimentos. Páginas 134 a 136, Manual	Portugal nos séculos XIII e XIV 4. Conhecer as causas e consequências do problema sucessório português de 1383-1385. 4.2 Descrever sucintamente o problema de sucessão ao trono após a morte de D. Fernando. 4.3 Reconhecer a divisão dos Portugueses relativamente aos candidatos ao trono.	Momento pré-exploração do recurso - Apresentar aos alunos a iluminura de Jean de Wavrin sobre a batalha de Aljubarrota (presente no recurso), pedindo-lhes que identifiquem a batalha e os acontecimentos que estiveram na sua origem. e/ou - Colocar a questão: Após a morte do rei D. Fernando, em 1383, Portugal viveu um grave problema de sucessão ao trono. Porquê? Exploração do recurso - Informar previamente os alunos que, à medida que visionam a animação, devem registar no caderno os termos que considerem ser mais relevantes. - Identificar os candidatos ao trono português, após a morte de D. Fernando, e os seus apoiantes.

Recurso	Metas	Sugestões de exploração
	4.4 Descrever sucintamente os acontecimentos da crise de 1383-1385 desde a primeira invasão castelhana até à aclamação de D. João I nas Cortes de Coimbra. 5. <i>Conhecer e compreender a consolidação da independência portuguesa.</i> 5.2 Sublinhar a importância da batalha de Aljubarrota na afirmação da independência nacional.	• Referir as principais batalhas ocorridas durante as invasões castelhanas. • Explicar a importância das Cortes de Coimbra. • Explicar a importância da batalha de Aljubarrota para a consolidação da independência nacional. • Realizar a atividade final do recurso de modo a consolidar os conhecimentos adquiridos. Momento pós-exploração do recurso • Dividir a turma em dois grupos e propor um debate: um dos grupos assumirá a defesa do direito de D. Beatriz a assumir o trono português; o outro evidenciará os riscos dessa opção e defenderá a candidatura do Mestre de Avis.

Linha do Tempo

1. O que é?

É um friso mudo, que permite representar graficamente os factos históricos no tempo. A *Linha do Tempo* é constituída por dois painéis, sendo cada um deles dividido em cinco espaços iguais (dez no total), assinalados com uma “bola vermelha”; cada espaço corresponde a uma unidade do tempo – ano, década, século.

Assim, o friso ou *Linha do Tempo* vai permitir que o Professor registre os acontecimentos que considere essenciais, acompanhados por uma série de ilustrações (20 autocolantes reposicionáveis).

2. Como utilizar?

O material utilizado na *Linha do Tempo* é plastificado e o que nele se escreve pode ser apagado. Deste modo, ele permite a intervenção de sucessivos alunos (trabalho individual ou de pares) ao longo da aula.

Tarefas iniciais

Para o aluno: solicitar que, em trabalho de casa, registem no caderno diário várias datas como a do seu nascimento, dos seus irmãos, pais, avós e séculos respetivos. Aplicar estes dados na *Linha do Tempo*.

Para a turma: solicitar aos alunos que registem no caderno diário o século em que se iniciou a tarefa anterior, o tipo de numeração utilizada para indicar os séculos, o acontecimento histórico/ano que considerarem mais importante.

Propostas de tarefas/atividades

Registo na *Linha do Tempo* das datas que, a seguir, se propõem para cada subdomínio.

LINHA DO TEMPO		
Subdomínio	Tarefas/Atividades Propostas	Figuras
B2 Os Romanos na Península Ibérica	1. Registrar: - o nascimento de Cristo/Início da Era Cristã - os séculos – I a. C., II a. C., III a.C., I d. C., II d. C., III d. C., IV d. C. e V d. C. 2. Solicitar aos alunos que: 2.1. Indiquem o século a que correspondem cada uma das datas: 218 a. C. – Entrada das tropas romanas na Península Ibérica; 19 a. C. - Domínio total da Península Ibérica pelos Romanos; 409 d. C. – Invasão da Península Ibérica por povos bárbaros. 2.2. Coloquem, no local adequado, as três ilustrações. 2.3. Refiram o número de anos que os Romanos permaneceram na Península Ibérica.	– Jesus Cristo – Guerreiro lusitano – Legionário

LINHA DO TEMPO		
Subdomínio	Tarefas/Atividades Propostas	Figuras
B3 Os Muçulmanos na Península Ibérica	- Colocar, de forma aleatória, no quadro os seguintes acontecimentos: invasão da Península Ibérica pelos muçulmanos/ Início da pregação do islamismo/Início da Reconquista Cristã. - Pesquisar no manual as datas correspondentes a cada um dos acontecimentos e ordená-los por ordem cronológica. - Registar as datas/acontecimentos na <i>Linha do Tempo</i>. - Colocar, no local adequado, a ilustração. - Explicar o conceito de Reconquista Cristã.	– Guerreiro muçulmano
B4 A Formação do Reino de Portugal	- Registar na <i>Linha do tempo</i>, os seguintes acontecimentos: a) 1096 – O conde D. Henrique recebe o Condado Portucalense; b) 1128 – Batalha de S. Mamede; c) 1143 – Tratado de Zamora; d) 1179 – Bula <i>Manifestis Probatum</i>; e) 1249 – D. Afonso III termina a conquista do Algarve. - Indicar o século correspondente a cada uma das datas assinaladas. - Colocar, no local adequado, as ilustrações. - Referir o acontecimento que assinala o início do governo de D. Afonso Henriques. - Identificar o acordo que consagra D. Afonso Henriques como rei de Portugal. - Explicar a importância do ano de 1179 para a História de Portugal.	– D. Afonso Henriques – Cruzado – Guerreiro muçulmano
C1 Portugal nos Séculos XIII e XIV	- Apresentar os seguintes acontecimentos: a) Cortes de Leiria; b) Entrada da Peste Negra em Portugal; c) Batalha de Aljubarrota; - Registar os acontecimentos no friso e colocar as respetivas figuras. - Selecionar da cronologia o acontecimento de caráter: a) militar; b) social; c) político.	– Clero – Nobreza – Povo – Médico da Peste – D. João, Mestre de Avis
C2 Portugal nos Séculos XV e XVI	- Indicar as datas dos seguintes acontecimentos: a) Descoberta das Antilhas (América); b) Chegada dos Portugueses a Calecute (Índia); c) Descoberta do Brasil. - Colocar os acontecimentos no friso e a figura do respetivo descobridor. - Colocar a ilustração da nau e do padrão dos Descobrimentos em locais adequados. - Que obra escreveu Luís de Camões? Que viagem serve de ação central à sua narrativa? - Colocar no local adequado, a ilustração respeitante a Luís de Camões.	– Nau – Padrão dos Descobrimentos – Cristóvão Colombo – Vasco da Gama – Pedro Álvares Cabral – Luís de Camões
C3 Portugal: Da União Ibérica à Restauração da Independência	- Colocar no friso os seguintes acontecimentos: a) Batalha de Alcácer Quibir; b) Aclamação de Filipe II de Espanha, nas Cortes de Tomar; c) Restauração da Independência. - Responder às seguintes questões: - A qual desses acontecimentos está diretamente ligado D. Sebastião? - Quantos anos durou o domínio filipino em Portugal? - Que monarca restaurou a independência nacional? - Que nova dinastia foi, então, inaugurada? - Colocar, nos locais adequados, as ilustrações das figuras em destaque.	– D. Sebastião – Filipe II de Espanha – D. João IV

Título:

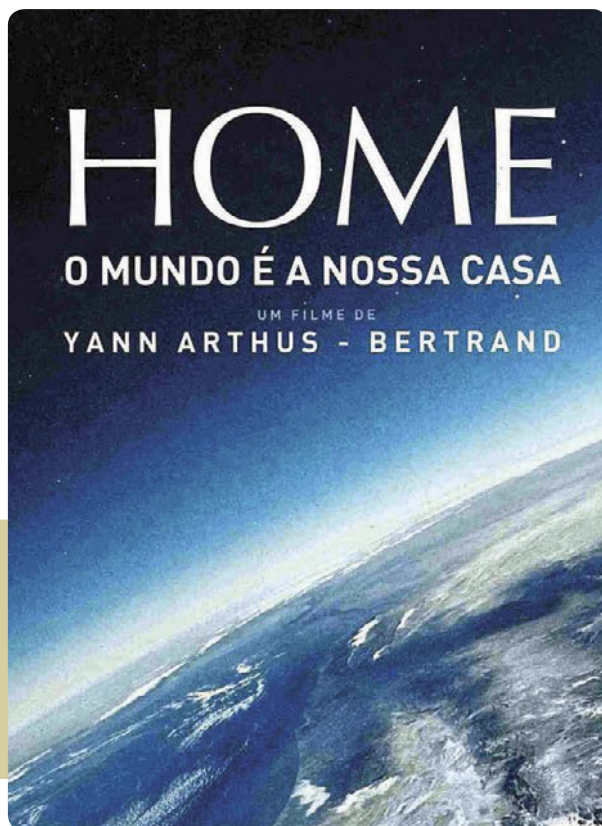
Home

Ano: 2009

Tempo: 120 minutos

Realização: Yann Arthus-Bertrand

Género: Documentário



SINOPSE

Este documentário leva-nos a uma viagem por várias regiões da Terra, obrigando-nos a refletir sobre a relação entre o Homem e o planeta. Ao longo de duas horas, são-nos apresentadas as belezas da Terra e, ao mesmo tempo, as marcas negativas da ação humana. Tudo isto com uma finalidade: tornar-nos conscientes da atual destruição da Terra e encorajar-nos a proteger o nosso planeta.

GUIÃO DE VISIONAMENTO

1. Refere dois problemas ambientais que são mencionados ao longo do documentário.

2. Segundo o vídeo, qual é o país que, se não tomar medidas, tem mais probabilidade de sofrer com a escassez de água?

3. Refere duas funções desempenhadas pela floresta.

4. Apresenta uma medida que, em tua opinião, pode vir a promover a harmonia entre o Homem e a Natureza.

5. Fala com o teu professor e organiza um debate sobre as alterações no meio ambiente provocadas pela atividade humana.



Título:

Astérix nos Jogos Olímpicos

Ano: 2008

Tempo: 116 minutos

Realização: Thomas Langmann, Frédéric Forestier

Elenco: Clovis Cornillac, Gérard Depardieu, Benoît Poelvoorde, Alain Delon, Vanessa Hessler, Franck Dubosc, José Garcia, Stéphane Rousseau, Jean-Pierre Cassel

Gênero: Comédia/Aventura

SINOPSE

Astérix e Obélix decidem participar nos Jogos Olímpicos da Grécia com o objetivo de ajudar Apaixonadix a conseguir a mão da bela princesa grega Irina. Mas, para isso, Apaixonadix tem de vencer Brutus, filho de César, interessado, também, em casar-se com a princesa. Tudo se decide numa corrida de quadrigas: o vencedor será considerado digno de se casar com a bela Irina.

GUIÃO DE VISIONAMENTO

1. Localiza a ação:

1.1. no tempo: séc. V a. C. ☐ séc. I a. C. ☐

1.2. no espaço: Esparta ☐ Olímpia ☐

2. Identifica o imperador romano dessa época.

3. Refere duas características do exército romano.

4. Descreve o estádio olímpico.

5. Refere três provas realizadas nos Jogos Olímpicos.

6. Agora, põe a tua imaginação à prova e cria um diálogo entre dois legionários sobre o seu dia a dia.

Título:

Robin Hood

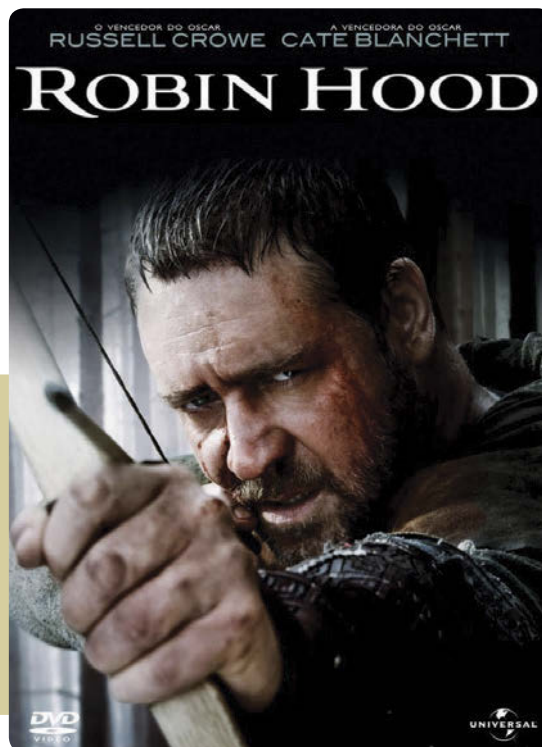
Ano: 2010

Tempo: 140 minutos

Realização: Ridley Scott

Elenco: Russell Crowe, Cate Blanchett, Matthew Macfadyen

Género: Aventura/Épico



SINOPSE

O filme narra a história de Robin Hood, um arqueiro do exército do rei inglês, Ricardo I. Após ter participado numa grande cruzada, regressou a Inglaterra, onde se deparou com a opressão em que vivia o povo. Indignado, formou um grupo de salteadores para combater os mais ricos e dar aos mais pobres.

A ação do filme passa-se nos finais do século XII. Então, em Inglaterra, o rei João "Sem Terra" (1199-1216), irmão do falecido Ricardo I, "Coração de Leão", entrou em guerra com a Coroa francesa. Derrotado, enfrentou uma rebelião da nobreza inglesa, vindo a falecer pouco depois.

GUIÃO DE VISIONAMENTO

1. Localiza a ação no:

1.1. tempo: _____

1.2. espaço: _____

2. Quem é a personagem principal?

3. Faz o seu retrato psicológico.

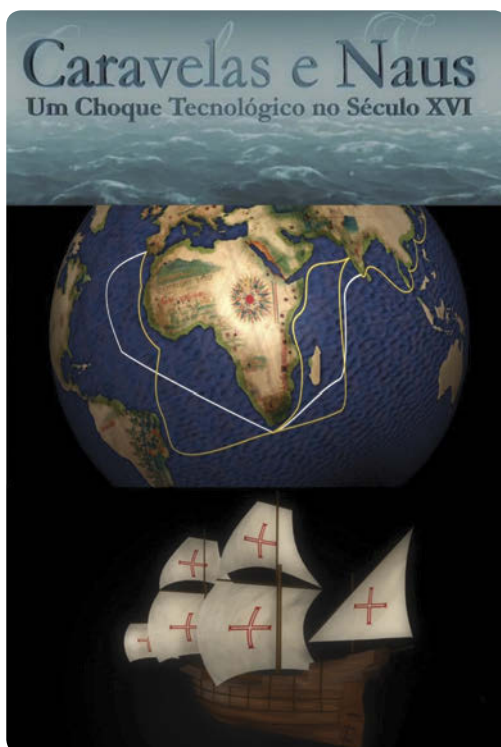
4. Descreve:

4.1. as roupas do rei e da rainha: _____

4.2. as roupas dos camponeses: _____

4.3. o palácio real: _____

5. As condições de vida do povo eram duras e difíceis. Porquê?

**Título:**

Caravelas e Naus

Um Choque Tecnológico no Século XVI

Ano: 2007**Tempo:** 47 minutos**Realização:** António José Almeida**Género:** Documentário

SINOPSE

Documentário português sobre a época dos Descobrimentos. Durante cerca de 47 minutos, participamos numa aventura que nos desvende a supremacia tecnológica que permitiu aos Portugueses antecipar-se aos demais povos na descoberta de novas terras. Um trabalho de excelência que já foi transmitido por cadeias de televisão de todo o mundo.

GUIÃO DE VISIONAMENTO

1. Qual é o tema do documentário?

2. Que dificuldades tiveram de enfrentar os marinheiros para avançar ao longo da costa africana.

3. Com que barcos se realizaram as primeiras viagens?

4. Qual o nome do navegador que conseguiu passar pela primeira vez o cabo da Boa Esperança?

5. Que instrumentos de navegação eram utilizados pelos marinheiros no alto-mar?

6. Destaca um aspeto do documentário de que tenhas gostado mais. Justifica a tua escolha.

Observa, atentamente, a capa do livro.

1. Preenche o esquema.

Título: _____

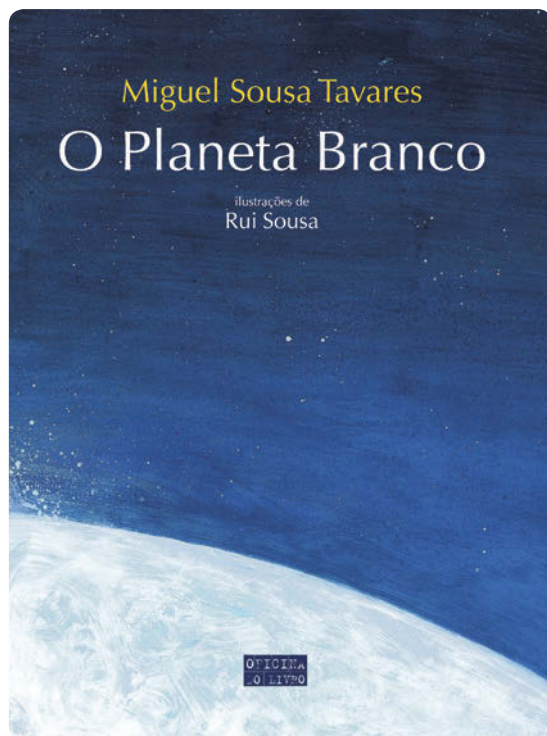
Autor: _____

Editora: _____

Ilustrador: _____

Descreve a capa: _____

Achas que a ilustração está de acordo com o título do livro? Porquê?



Lê, agora, o resumo do livro.

2. Completa a minificha de leitura.

Lydia, Lucas e Baltazar constituem a tripulação da nave Ítaca-3000. Numa fase em que o ciclo de vida natural está alterado, é preciso pôr em marcha uma missão de salvamento do planeta Terra. Por isso, a Ítaca-3000 parte do deserto do Sara com um único objetivo: descobrir água no planeta Orizon S-3. Durante dois meses de viagem, tudo decorre com normalidade. Os astronautas dedicam-se apenas a missões de rotina e consolidam a amizade que os une. Mas, quando entram no Terceiro Sistema Solar, descobrem um planeta habitado por uns seres muito especiais. *O Planeta Branco* é uma história que aborda questões, como a poluição atmosférica, a destruição das florestas ou as alterações do clima.

Sinopse da editora *Oficina do Livro*

Personagens principais:

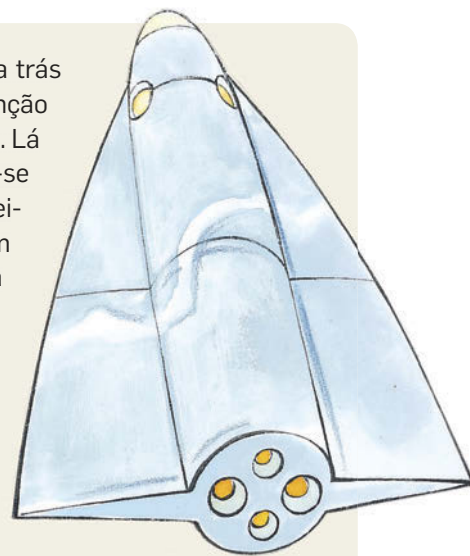
Nome da nave espacial:

Continente onde foi lançada:

Objetivo da viagem:

Lê o excerto do livro *O Planeta Branco*.

No primeiro dia da viagem, logo ao princípio, eles tinham deixado para trás a Terra e, enquanto observavam o seu planeta, Lydia chamou-lhes a atenção para um espetáculo triste e preocupante, que dali se via perfeitamente bem. Lá em baixo, sobre a Terra, longas colunas de fumo cor de chumbo elevavam-se para o céu, ocultando o verde que estava por debaixo delas: eram as “queimadas”, os terríveis incêndios sobre as florestas, que os homens ateavam propositadamente e que, aos poucos, iam tornando mais pobre o planeta e mais raro o oxigénio de que todos precisavam para viver (...). De ano para ano, os cientistas vinham notando que o buraco na camada de ozono, provocado pela poluição e pelos incêndios, tornava a Terra mais quente e mais indefesa: chovia menos nas zonas temperadas, os rios secavam e as culturas morriam; o deserto avançava para áreas até aí férteis e secava tudo à roda; os gelos eternos das mais altas montanhas e os icebergues dos polos derretiam aos poucos, engrossando o volume das águas do mar, que engoliam as povoações costeiras, obrigando as populações a recuar para o interior. O clima mudava e os homens mais inteligentes da Terra não tinham respostas para o problema nem os seus avisos tinham força para convencer os dirigentes e os gananciosos. Por isso, a Organização Mundial do Espaço procurava agora uma solução que pudesse vir de outro planeta e de outro sistema solar.



3. Da nave, Lydia observa a Terra. **O que lhe chama a atenção?**

4. **Completa** o quadro sobre os efeitos causados pelas queimadas.

Efeitos	Expressões do texto
Ar	“ _____ ”
Camada de ozono	“ _____ ”
Cima	“ _____ ”

5. **Assinala** com V (verdadeiro) ou F (falso) as seguintes afirmações.

- ☐ O Homem foi apanhado desprevenido com a degradação do planeta.
- ☐ Os dirigentes políticos e as empresas desinteressaram-se dos problemas ambientais.
- ☐ A tripulação da Ítaca trabalhava para a Organização Mundial do Ambiente.
- ☐ A solução para os problemas da Terra teria de ser encontrado noutra sistema solar.

6. **Sugere** duas medidas que, em tua opinião, podem ajudar a preservar os recursos existentes na Terra.

7. **Explica** o significado da frase que fecha o livro: “Há muito mais coisas no universo do que os vivos imaginam.”

Observa, atentamente, a capa do livro.

1. Preenche a ficha de leitura.

Título: _____

Autora: _____

Editora: _____

Descreve a imagem representada na capa:

A capa do livro permite-te imaginar como será a história? Porquê?

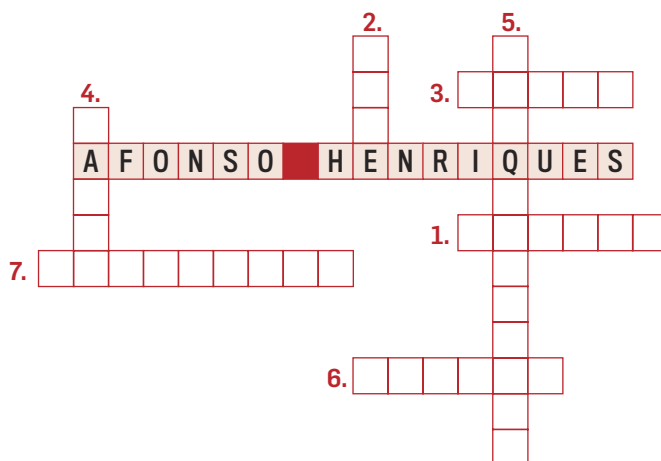


Lê, agora, o resumo do livro.

2. Resolve, a partir do texto, o crucigrama.

Três irmãos (Fernando, Mafalda e Vasco) passeiam pelo Castelo de São Jorge, em Lisboa, até que, quando descobrem uma moeda antiga de coleção, são transportados no tempo e vão parar à época em que D. Afonso Henriques vivia a proeza de ser o primeiro rei de Portugal. Nesta viagem pela História, os três jovens vão perceber como é a vida na corte e conhecer o feitio, nem sempre muito amistoso, do monarca conhecido por "O Conquistador". Alice Vieira, a autora, revela um profundo conhecimento das origens do país e constrói um conto fantástico, cuja ação decorre há mais de oito séculos.

Sinopse da editora Caminho (adaptado)



1. Cidade onde se inicia a aventura.
2. Século para onde viajaram os irmãos.
3. Objeto que provocou a viagem no tempo.
4. Nome de um dos irmãos.
5. Cognome do 1.º rei de Portugal.
6. Símbolo da sua força e poder.
7. Regime político cujo chefe de Estado é um rei.

Observa a ilustração e lê um excerto do livro.



D. Afonso Henriques:

- Eu cá, que sou homem de poucas palavras, vos digo: sou rei de Portugal, e se alguém vos disser o contrário mente com quantos dentes tem na boca! Meu pai era o conde D. Henrique e, por sua morte, herdei este condado que meus braços, minha coragem, minha gente e esta espada têm alargado para bem de todos. Minha mãe, D. Teresa, quando se viu viúva, ainda quis fazer valer os seus direitos, catrâmbias! Mas andava lá perdida de amores com o galego Fernando de Trava, a quem já fizera conde do Porto e de Coimbra, e eu, francamente, tenho pouco jeito e nenhuma paciência para aturar estrangeiros ou seja quem for que me queira pôr a pata em cima...

3. Faz a descrição da ilustração.

4. Completa o texto com as palavras abaixo.

• Guimarães • Teresa • mouros • clero • independente • galego

Após a morte do conde D. Henrique, D. _____ passou a governar o Condado Portucalense. Mas, "como andava perdida de amores pelo _____ Fernando de Trava", acabou por favorecer os nobres da Galiza. Então, alguns elementos da nobreza e do _____ portucalense apoiaram seu filho, Afonso Henriques, na luta pelo governo do condado.

No ano de 1128, no campo de S. Mamede, perto do castelo de _____ defrontaram-se os dois exércitos. D. Afonso Henriques venceu a batalha e passou a governar o Condado Portucalense. Procurou então tornar o condado _____ do reino de Leão e Castela e alargar o território, conquistando terras aos _____.

5. Transcreve do texto expressões que demonstrem a força política e militar de D. Afonso Henriques.

6. Indica dois adjetivos que caracterizem a personalidade do primeiro rei de Portugal. Justifica a tua escolha.

Observa, atentamente, a capa do livro.

1. Preenche o esquema.

Título: _____

Autoras: _____

Editora: _____

Coleção: _____

Ilustrador: _____

Descreve a ilustração da capa: _____

Que problema afetava a população europeia dessa época?

Lê, agora, o resumo do livro.

2. Assinala a opção correta para cada situação.

Impulsivo como sempre, João carrega nuns botões marcando sem querer uma data fatídica: 1348. Não foi preciso mais nada para a máquina do tempo disparar para esse ano, o ano em que a tremenda peste negra varreu a Europa, matando milhões de pessoas. Claro que Orlando quis voltar para trás, só que a máquina avariou. Então, o cientista e os dois irmãos não tiveram outro remédio senão percorrer as ruas de Lisboa, quase deserta, em busca de um ferreiro que lhes fabricasse uma peça especial. As voltas e reviravoltas levaram-nos a um palacete onde tinha sobrevivido apenas um menino de seis anos com fama de ter poderes sobrenaturais para curar certas doenças. Fazem amizade.

Sinopse da editora Caminho (adaptado)



2.1. A história do livro decorre no século...

☐ ... XIII.

☐ ... XIV.

2.2. A ação principal passa-se na cidade...

☐ ... de Lisboa.

☐ ... do Porto.

2.3. A cidade estava deserta por causa...

☐ ... da Peste Negra.

☐ ... das invasões francesas.

2.4. Nesta época, o nosso país enfrentava uma crise...

☐ ... demográfica. ☐ ... política.

Atenta, agora, na figura e lê os excertos do livro.

(...) Na cidade (Lisboa), algo lhes fez ter a certeza que estavam no ano fatídico de 1348. Os sinos da Sé espalhavam pelos campos em redor uma espécie de lamento, muito, muito triste, como se chorassem (...)

Dentro de uma casa, o cheiro a vinagre era tão intenso que, de início, todos os sentidos se resumiram a um: o olfato. Aquele homem, sem ter consciência do que fazia, estava a combater a verdadeira causa da peste: a pulga (...).

O abastecimento em tempos de peste não era fácil. Os alimentos começaram a escassear, pois muitos camponeses tinham morrido, outros fugiram deixando os campos ao abandono (...).

Uns achavam que era melhor ir para o campo (...). Ninguém sabia ao certo o que provocava aquele flagelo, mas já se generalizara a ideia de contágio. Outros, como o rei D. Afonso IV, defendiam exatamente o contrário. A peste era enviada por Deus. Fugir da peste era fugir à vontade de Deus!



3. **Seleciona** as expressões usadas pelas autoras para caracterizarem a terrível doença do século XIV.

Olfativas

Auditivas

4. **O que provocou** a Peste Negra?

5. **O que pensava** o rei sobre esse assunto?

6. **Refere**, a partir da figura, os sintomas da doença.

7. **Indica** duas consequências da Peste Negra.



SUGESTÕES (VER+ - História e Geografia)

Domínio A – A Península Ibérica: Localização e Quadro Natural

Home – o mundo é a nossa casa, Yann Arthus Bertrand, 2009*

Marcha dos Pinguins, Luc Jacquet, 2005

O Lorax: Em Busca da Trúfula Perdida, Chris Renaud e Kyle Balda, 2012

A Era do Gelo 4, Steve Martino e Michael Thurmeier, 2012**

Domínio B – A Península Ibérica: dos Primeiros Povos à Formação de Portugal (Século XII)

A Gruta dos Sonhos Perdidos, Werner Herzog, 2012

Astérix e o Domínio dos Deuses, Alexandre Astier e Louis Clichy, 2014**

Astérix nos Jogos Olímpicos, Frédéric Forestier e Thomas Langmann, Zon Lusomundo, 2008*

Rei Artur, Antoine Fuqua, 2004

Maomé, o Mensageiro de Deus, Moustapha Akkad, 1977

El Cid, Anthony Mann, 1961**

Domínio C – Portugal do Século XIII ao Século XVII

Robin Hood, Ridley Scott, 2010*

Cristóvão Colombo, Ridley Scott, Lusomundo, 1992

Non ou Vã Glória de Mandar, Manoel de Oliveira, 1990**



SUGESTÕES (LER+ - História e Geografia)

Domínio A – A Península Ibérica: Localização e Quadro Natural

O Clube das Chaves Mergulha nos Oceanos, Maria Rosário Pedreira e Maria Teresa Maia Gonzalez, Editorial Verbo

O Silêncio da Água, José Saramago, Editorial Caminho

O Planeta Branco, Miguel Sousa Tavares, Oficina do Livro*

O Planeta Azul, Luísa Ducla Soares, Porto Editora

Domínio B – A Península Ibérica: dos Primeiros Povos à Formação de Portugal (Século XII)

Júlio César – O Grande Ditador de Roma, Richard Platt, Civilização Editora

Os Celtas Safados, Terry Deary, Publicações Europa-América

O Tesouro do Califa, Nuno Matos Valente, Edições Escafandro

A Espada do Rei Afonso, Alice Vieira, Editorial Caminho*

A Pátria Lusitânia, Carmo Reis, Edições ASA

Domínio C – Portugal do Século XIII ao Século XVII

Uma Visita à Corte do Rei D. Dinis, Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, Editorial Caminho

Uma Aventura na Quinta das Lágrimas, Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, Editorial Caminho

O Ano da Peste Negra, Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, Editorial Caminho*

Este Rei Que Eu Escolhi, Alice Vieira, Editorial Caminho

O Bojador, Sophia de Mello Breyner Andresen, Editorial Caminho

A Restauração da Independência (BD), Carmo Reis, Edições ASA

*Guião de exploração do filme e do livro nas páginas anteriores.

**Excerto do filme em 20 AULA DIGITAL e guião de visionamento no Anexo/Manual.

2

Outros Recursos

A | Documentos Escritos 26

B1 | Documentos Escritos 28
Dramatizações 30

B2 | Documentos Escritos 34
Dramatização 36

B3 | Documentos Escritos 38
Dramatização 40

B4 | Documentos Escritos 42
Entrevista a... 44

C1 | Documentos Escritos 46

Dramatizações 48

Entrevista a... 54

C2 | Documentos Escritos 56

Dramatização 60

C3 | Documentos Escritos 62

Dramatização 64

A Península Ibérica

A pureza do ar e a doce influência do vento do oeste são, com efeito, características próprias da Ibéria que, totalmente inclinada para ocidente, possui um clima verdadeiramente temperado. Situada nos confins do mundo habitado (...), quase toda coberta de montes, bosques e planuras, ora de solo fértil, ora pobre (...), com uma longa costa abrigada, a Ibéria foi visitada por vários povos.

Estrabão, *Geografia*

A posição geográfica de Portugal

Portugal situa-se no extremo ocidental do continente europeu, virado para o oceano Atlântico (...). A maior parcela do território ocupa a quase totalidade de uma faixa; tem 112 km a 218 km de largura e estende-se de norte para sul numa extensão máxima de 561 km. (...) Apresenta a configuração muito nítida de um retângulo. O território português compreende ainda os arquipélagos atlânticos da Madeira e dos Açores, sensivelmente afastados da área continental. A área de Portugal continental é de 88 944 km², equivalente a pouco mais de 15% da do conjunto da Península Ibérica e a 96,6% da do território português.

Os Açores, com 2333 km² (ou seja, 2,5% da área do país), ficam a uma distância da ordem de grandeza de 1500 km para ocidente, a maior ilha é a de São Miguel com 747 km², e a menor, a do Corvo, com 17 km² apenas. O arquipélago da Madeira fica mais próximo do território continental, a pouco mais 900 km para sudoeste de Lisboa. A sua área é de 793 km².

Carlos Alberto Medeiros, *Geografia de Portugal – O Ambiente Físico*, vol. 1 (adaptado)

A vegetação natural

A vegetação natural do norte de Portugal é dominado por florestas de árvores de folha caduca, que são formadas principalmente por carvalhais de carvalho-alvarinho e de carvalho-negral e por vidoais. Destas matas, podemos encontrar alguns retalhos, preservados nos parques naturais da Peneda-Gerês, Alvão, Montezinho, Estrela, São Mamede e Sintra. (...)

As florestas do centro e sul do país são constituídas por árvores que perdem a folhagem durante um curto período de tempo, cuja espécie mais importante é o carvalho-cerquinho. (...)

No sul do país, existem quatro tipos de florestas com características tipicamente mediterrânicas: sobreirais, azinhais, zambujais e alfarrobeirais. São dominadas por espécies sempre-verdes, as árvores são baixas, atarracadas, com o tronco retorcido, casca espessa, como é o caso da cortiça, e têm grande longevidade.

Maria Eugénia Moreira e Carlos Silva Neto, *Geografia de Portugal – O Ambiente Físico*, vol. 1 (adaptado)

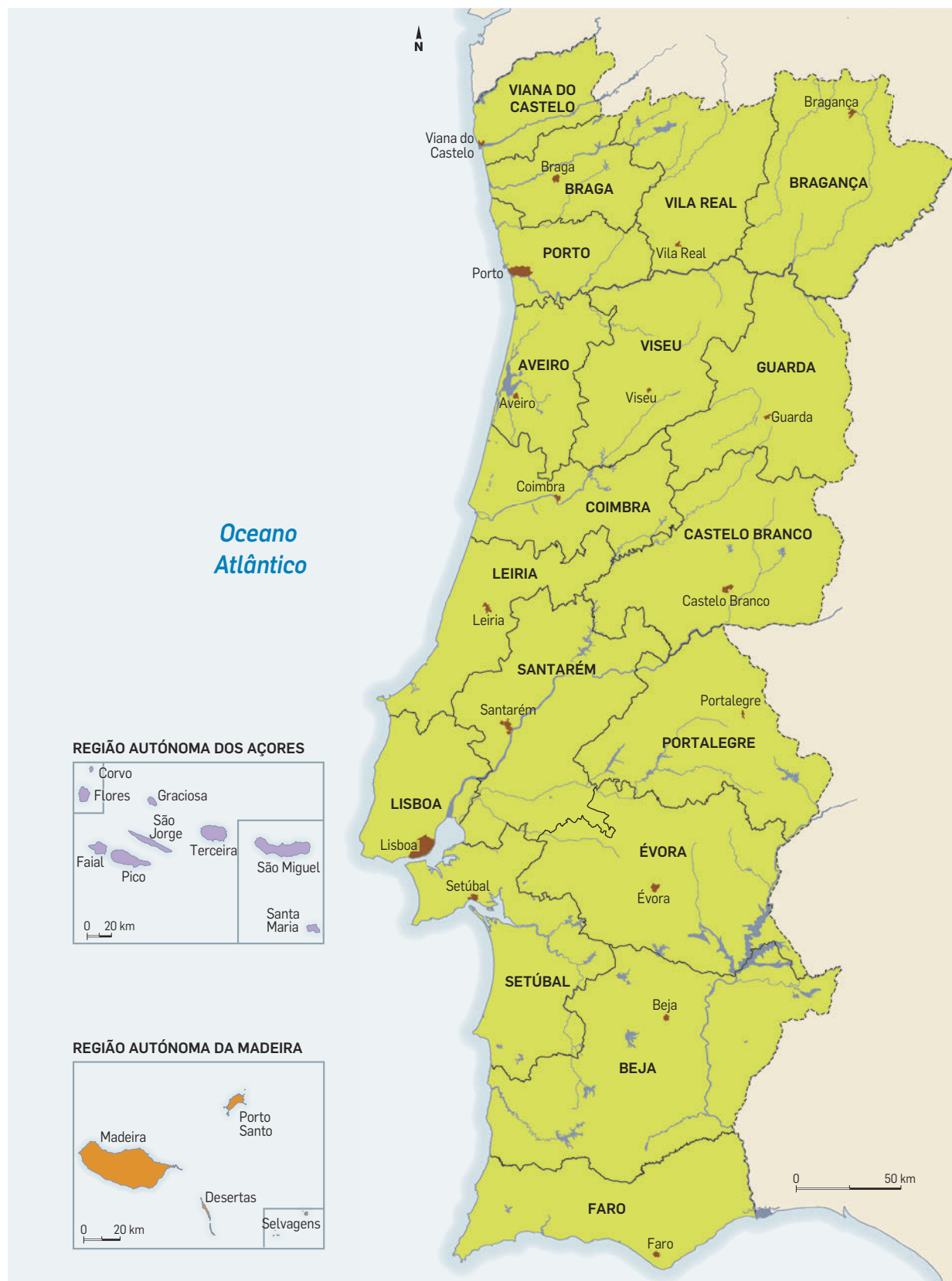
O litoral das ilhas atlânticas dos Açores e da Madeira

Nas ilhas da Madeira e dos Açores, a arriba é a forma de relevo litoral que domina em todas as ilhas. (...) São arribas altas, que frequentemente atingem mais de 100 metros de altura, especialmente na parte norte das ilhas.

No arquipélago dos Açores a praia arenosa é rara como forma de litoral. As praias arenosas mais extensas situam-se na ilha de São Miguel (Ribeira Seca, Pópulo, Água de Alto). (...)

No arquipélago da Madeira, na costa sul da ilha de Porto Santo, encontra-se a praia arenosa insular mais extensa e mais larga, com 9 km de comprimento e cerca de 300 metros de largura máxima, em beira-mar de águas vivas equinociais. É uma praia de areia branca e fina.

António de Brum Ferreira, *Geografia de Portugal – O Ambiente Físico*, vol. 1 (adaptado)



O início da aventura humana

É difícil precisar as origens do Homem. De um modo geral, aceita-se que os nossos antepassados começaram a distinguir-se dos macacos, seus primos, há cerca de 3,3 milhões de anos. É então que o nosso longínquo avô deu os seus primeiros passos. Isolado no leste de África, vivendo na savana, teve de se adaptar a um novo meio ambiente e alterar o seu estilo de vida. Graças a alterações na anatomia das ancas e dos pés, passou, então, a manter uma postura vertical e a caminhar ereto.

Jacques Marseille (dir.), *História do Mundo*, vol. 1
(adaptado)

A importância do fogo

O fogo foi uma fonte de calor, de alegria, de segurança. Serviu para assustar os predadores e garantiu, por consequência, a tranquilidade das mulheres, das crianças e dos velhos que ficavam no acampamento, enquanto os caçadores os esperavam. O fogo foi também um elemento de organização social. O lar tornou-se o lugar privilegiado de reunião, o lugar onde as pessoas se encontram, falam, cantam e informam. O fogo, enfim, vai proporcionar a criação da culinária.

Robert Clarke, *O Nascimento do Homem*
(adaptado)

A arte rupestre no Vale do Coa

O vale do rio Coa é um local único no mundo por apresentar o maior conjunto de figuras paleolíticas de ar livre até hoje conhecidas. Os seus núcleos estão distribuídos ao longo de mais de uma dezena de quilómetros nas margens do rio Coa e apresentam gravuras de animais datáveis do Paleolítico, uma figura humana da mesma época e pinturas de animais e seres humanos do Neolítico.

As gravuras têm como suporte superfícies de xisto, expostas a nascente, com uma dimensão entre 15 a 180 cm. Os traços são largos, embora sejam acompanhados também por traços finos. Os animais mais representados são as cabras-montesas, cavalos, veados e auroques (tours selvagens), aparecendo ora isolados ora em conjunto.

Autores de *Rumos 5*

O início da economia de produção

Enquanto os grupos da Europa, de África e da Ásia continental viviam da caça, da pesca, da apanha e de colheitas itinerantes, outros grupos de pessoas que viviam no Próximo Oriente passaram a colher cereais selvagens e a domesticar a cabra e o carneiro.

Ora, como é que tudo começou? As comunidades habituadas a colher e a guardar os cereais viram os grãos germinar e, logo, passaram a imitar a Natureza, semeando a terra. Quanto aos animais, o contacto regular com os caçadores afeiçoou-os a quem lhes dava alimento (o caso do porco e do carneiro).

G. Lafforgue,
A Alta Antiguidade

As antas

Os gigantescos túmulos de pedra erguidos na costa atlântica são monumentos cheios de enigmas. Porque foram construídos? Eram locais onde se recolhiam os mortos ou simbolizavam uma vida nova no futuro? As pessoas que poderiam dar resposta a estas perguntas há muito que desapareceram. Ao certo, sabemos que as antas tinham carácter religioso e funerário.

G. Burenhult, *Da Pedra ao Bronze* (adaptado)

O castro de São Lourenço (Esposende)

O castro de São Lourenço é a maior povoação castreja do concelho de Esposende. Foi construído numa arribas, com vertentes escarpadas e pedregosas voltadas a sul e ao mar. Esta aldeia terá nascido entre o século VII e o VI a. C.

Mas, foi algures pelo século II a. C. que foram construídas casas redondas, cobertas com palha, com uma porta e uma janela ou postigo. As suas ruas estreitas só serviam para a circulação de pessoas e animais de pequeno porte. Os espaços de circulação eram empedrados e com canais para o escoamento das águas pluviais. O sistema defensivo é composto por três ordens de muralhas, fossos e um torreão de vigilância.

Os habitantes do castro viviam da recolha de frutos silvestres, do pastoreio e da agricultura. Cultivavam cereais, favas, ervilhas, linho. Faziam, ainda, a extração do sal. Dedicavam-se também ao artesanato, sendo pedreiros, ferreiros, cesteiros, oleiros, tecelões, tamanqueiros.

Brochado de Almeida, *Castro de São Lourenço* (adaptado)

A Lusitânia e os Lusitanos

Ao norte do Tejo dilata-se a Lusitânia, habitada pela mais poderosa das nações ibéricas.

Os Lusitanos, segundo contam, são excelentes para armar emboscadas e descobrir pistas; são ágeis, rápidos, dextros. O escudo de que se servem é pequeno, só com dois pés de diâmetro, a parte anterior é côncava; trazem-no suspenso ao pescoço por correias, não se vê um só com braçadeiras ou fivelas.

Armam-se com um punhal ou grande faca; a maioria tem couraça de linho, outros, mas em pequeno número, usam cota de malha e o capacete de tripla cimeira; em geral os capacetes são de couro. Os peões... levam muitos dardos compridos na mão, alguns servem-se de lanças com ponta de bronze. Todos estes montanheses são sóbrios; bebem só água, deitam-se no chão; têm cabelos compridos e flutuantes, à maneira das mulheres, mas para combater, cingem a fronte com uma liga dura. O seu principal alimento é a carne de cabra. Celebram jogos, nos quais se exercitam no pugilato e na corrida, e simulam escaramuças e batalhas campais. Nas três quartas partes do ano o único alimento na montanha são as glandes de carvalho, que secas, quebradas e pisadas servem para fazer pão.

Uma espécie de cerveja feita com cevada é bebida vulgar, enquanto o vinho é raro, e pouco se fabrica, sendo em breve consumido nos grandes banquetes de família tão frequentes entre estes povos. Em vez de azeite servem-se de manteiga. Comem sentados – para isto há bancos de pedra, dispostos em roda das paredes e em que os convivas tomam lugar segundo a idade e a posição. A comida circula de mão em mão. Mesmo bebendo, os homens põem-se a dançar, ora formando coros ao som da flauta ou da trombeta, ora saltando cada um por si, a ver que mais alto salta e mais graciosamente cai de joelhos (...) Todos os homens vestem de preto e não deixam os seus saios, servindo-se deles como cobertores nos seus leitos de palha seca; estes mantos são feitos de lã grosseira ou de pelo de cabra. As mulheres só usam mantas e vestidos de cor feitos de fio cruzado.

Nas terras interiores só se conhece pela carência de moedas o comércio de troca, ou então cortam-se lâminas de prata em bocadinhos que se dão em pagamento do que se compra.

Os doentes são expostos nas ruas, para provocar os conselhos dos que padecem das mesmas moléstias.

Estrabão, *Geografia*, século I (adaptado)

Viagem ao tempo das mais antigas comunidades da Península Ibérica



Cena: (Um caçador-recoletor olha admirado para um cenário que não compreende)

Caçador-recoletor Uhm! O que é isto? Homens a mexer na terra? É perigoso!... Têm animais por perto! (aproxima-se do grupo). Ó amigo, não percebo o que estão a fazer!

Agricultor Mas, quem és tu? Pareces meio estranho... usas umas roupas tão esquisitas!... Estás perdido?

Caçador-recoletor ...

Agricultor Pois, estás muito espantado, não é? Não admira. Tu és de uma época muito atrasada em relação à minha. Tu és do tempo antigo, do Paleolítico, eu sou um homem desta nova época, do Neolítico. Ora diz-me, como vives tu e os teus companheiros?

Caçador-recoletor Nós fazemos grandes caçadas. Aproveitamos a carne dos animais para a nossa alimentação, a pele para o vestuário, os dentes, chifres e ossos para os instrumentos...

Agricultor Pois, mas sabes, nós vivemos de maneira muito diferente! Aprendemos a domesticar os animais e a tirar da terra muitos dos produtos de que necessitamos – trigo, centeio, milho-miúdo...

Caçador-recoletor Quer dizer que vocês não têm de andar à procura de comida. Vivem sempre no mesmo sítio?

Agricultor Sim, claro! Nós somos produtores, quer dizer, produzimos tudo o que precisamos. Vocês, se bem percebi, recolhem produtos da Natureza e dedicam-se à caça e à pesca são, pois, caçadores-recoletores. Agora diz-me outra coisa. Se andam sempre a mudar de sítio, como são as vossas casas?

Caçador-recoletor Nas épocas de muito frio, abrigamo-nos nas grutas e aquecemo-nos com as peles dos animais e com o fogo. Também construímos tendas com madeira e ossos, cobertas com peles de animais...

Agricultor Como vês as nossas são muito diferentes! Nós usamos o colmo, a madeira, a pedra, o barro em casas permanentes. E vivemos todos juntos, em aldeias.

Caçador-recoletor Parece-me uma vida muito boa e menos perigosa do que a nossa.

Agricultor Sim, é! Mas sabes que exige muito esforço e trabalho – é preciso abrir sulcos na terra com a enxada, semear, temos de tratar das culturas e, depois, cortar os cereais com a foice, triturar os grãos com a mó até obter farinha para o pão.

Caçador-recoletor Desculpa, vocês têm tantas coisas novas – enxada, foice, mó...

Agricultor Ah! Pois, não entendes! Às vezes, esqueço-me que és de outro tempo! Nós criamos instrumentos para nos ajudar nos trabalhos dos campos e para aproveitarmos os produtos cultivados. Mas, também, inventamos uma nova forma de trabalhar a pedra.

Caçador-recoletor Estou a ver! As vossas pedras são bem mais lisinhas... Parece-me que, com todas estas novidades, vocês têm sempre muitos alimentos. Não passam fome!

Agricultor Quando o ano corre bem, temos produtos de sobra. Então, guardamo-los em recipientes de barro, vime e até de pano. Por isso, inventamos a cerâmica, a cestaria, a tecelagem.

Caçador-recoletor Como vocês são tão adiantados! Estou admirado, nem quero acreditar.



(Mendes Moreira)

Tarefa - Preenche o quadro.

Comunidades de caçadores-recoletores		Comunidades agropastoris
	Alimentação	
	Atividades económicas	
	Habitação	
	Instrumentos	
	Progressos técnicos	

Os Fenícios nas terras do atual Algarve



Barco fenício a descarregar num porto do sul da Península Ibérica (reconstituição).

Há quase três mil anos, os Fenícios começaram a fazer grandes viagens de negócios no mar Mediterrâneo. Aqui e além, onde os povos se mostravam pacíficos, criavam colónias.

Cerca do ano 800 a. C., instalaram-se em Gadir (atual Cádiz, no sul de Espanha). A partir daí, expandiram-se por várias zonas costeiras do sul da Península Ibérica. No sítio de Balsa (no atual concelho de Tavira), trava-se este curioso diálogo entre o jovem Mastanos e o mercador fenício Asdrúbal.

Mastanos Estou admirado com o que vejo no teu barco. Onde vens?

Asdrúbal Venho de Tiro, uma bela e rica cidade na Fenícia, lá para o outro lado do mar Mediterrâneo.

Mastanos Então vens de longe e de uma grande cidade!

Asdrúbal Olha, meu jovem! Chamam a Tiro a “cidade cujas riquezas enriquece os reis da Terra”.

Mastanos Fantástico. Diz-me, então, que riquezas são essas que encantam tanta gente importante.

Asdrúbal Como podes ver, o meu navio está cheio de mercadorias. Algumas são da Fenícia e outras são de outros povos do Mediterrâneo.

Mastanos Como? Não percebo.

Asdrúbal Sim, durante a minha viagem, vendi mercadorias fenícias em vários lugares e obtive, em troca, estas que estás a ver aqui.

Mastanos Ah! Compreendo. E, quais são as da tua cidade?

Asdrúbal Nós fazemos produtos de luxo. Olha, aqui, estas peças de marfim e de ouro, estes panos coloridos, aqueles móveis de madeira de cedro.

Mastanos Tanta coisa! Mas, então, em troca de tudo isso o que vens buscar aqui a Tavira, a minha terra?

Asdrúbal Preciso de sal, em que esta região parece ser rica.

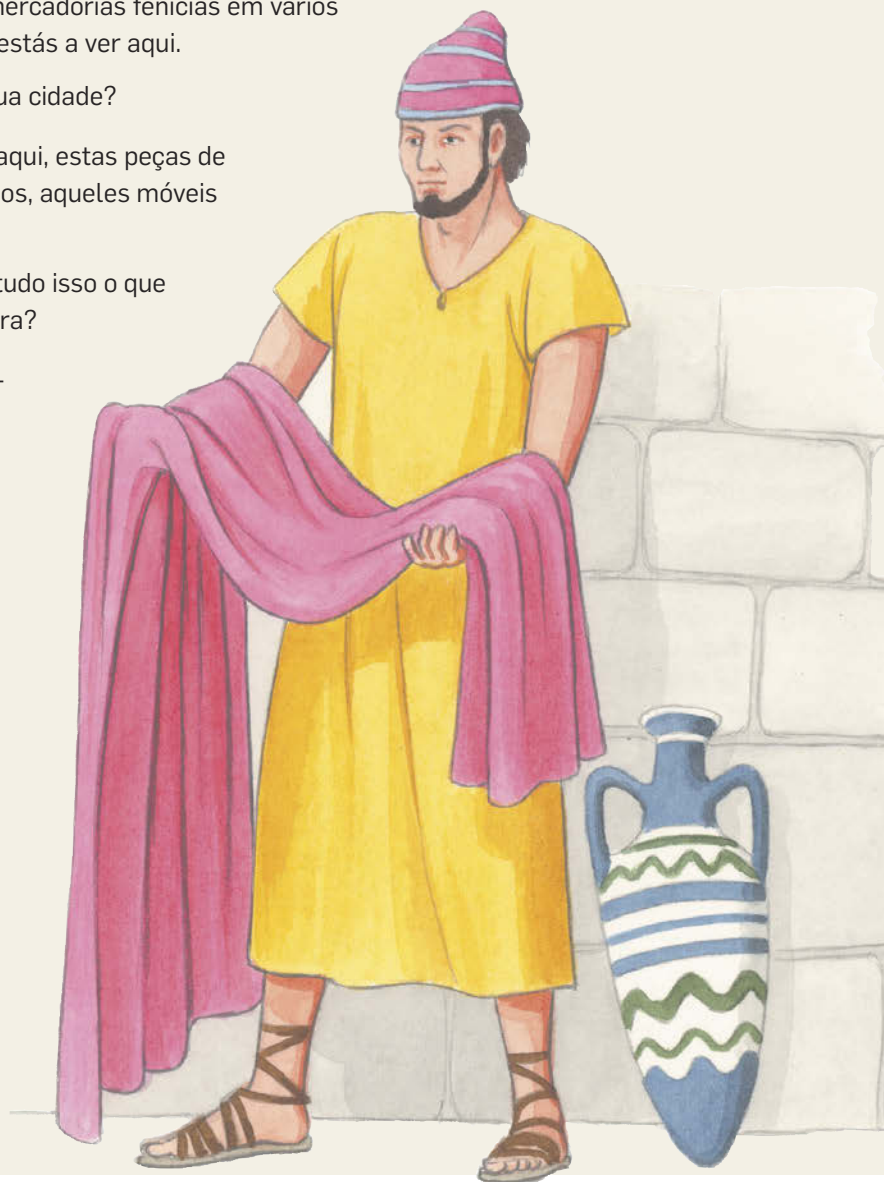
Mastanos É verdade. Já agora, diz-me uma coisa. Como é que te entendes com tanta gente, de tantos lugares e de línguas diferentes?

Asdrúbal É fácil. Nós criamos um sistema de escrita muito simples. Só tem 22 sinais e não centenas como os outros que existem por esse mundo fora. Assim é fácil de aprender e de escrever. Chama-se escrita alfabética ou alfabeto.

Mastanos Formidável. Eu, também, quero saber escrevê-la. Ensinas-me?

Asdrúbal Bem, pareces-me bom rapaz. Vamos a isso.

(Mendes Moreira)



Tarefa - Preenche o quadro.

Cidades referidas	
Atividades económicas	
Produtos transacionados	
Grande inovação técnica	
Importância da escrita alfabética	

A formação do Império Romano

Roma, pouco depois da sua fundação, começou a dominar os povos vizinhos, que eram muito aguerridos e terríveis. Estendeu cada vez mais os seus domínios, subjugando todos os que lhe resistiam. Após a conquista de Itália, Roma ambicionou dominar toda a Terra: expulsou do mar Mediterrâneo os Cartagineses, cujas forças marítimas eram consideráveis; conquistou a Macedónia que era, nessa altura, o mais florescente e rico dos reinos existentes; e, em seguida, nenhum povo lhe conseguiu resistir. Hoje, não existe ninguém, no mundo civilizado, que não conheça Roma como a senhora do Universo e que recuse obedecer-lhe.

Dionísio de Halicarnasso, *Antiguidades Romanas*, século I a. C.

O exército romano

O exército romano, nos dias áureos do Império, era uma máquina de guerra devastadora e tremendamente bem sucedida. A unidade principal era a legião, com cerca de 6000 homens, quase todos tropa de infantaria. Podia incluir 100 a 200 homens a cavalo, utilizados como batedores, porta-estandartes e enviados em perseguição de inimigos em fuga. O legionário tinha de ser cidadão romano, e os recrutas tinham de submeter-se a um rigoroso programa de seleção antes de serem aceites nas fileiras. Deviam medir pelo menos 1,70 m e ser aprovados num exame médico para garantir que se encontravam em boa condição física e tinham boa visão. Depois, alistavam-se por 20 anos.

O equipamento foi evoluindo ao longo dos anos, mas no século I d. C., um legionário usava um elmo de ferro, uma armadura peitoral ou aduelas de ferro, um escudo de madeira, dois grandes dardos, um punhal, uma espada curta, o chamado gládio, e sandálias robustas de couro.

Para além da armadura e das armas, os soldados levavam ainda um cesto, uma picareta, um machado, uma serra, uma panela, duas estacas para a paliçada de defesa do acampamento e cereal suficiente para uns 15 dias, num total de 40 kg.

Também, nos cercos, os Romanos eram impressionantes. Para derrubarem as portas das cidades, unidades de 27 legionários agrupavam-se em formações "em tartaruga", juntando-se uns aos outros com os escudos sobre as cabeças, o que constituía uma "carapaça" que os protegia dos projéteis inimigos. Também na guerra de cerco usavam torres móveis, rampas, escadas e catapultas gigantes para lançar sobre o inimigo pedras e setas em chamas.

As vitórias eram celebradas com toda a pompa. Em Roma, era costume realizarem-se "triumfos", ou seja, celebrações públicas para dar as boas-vindas aos comandantes e tropas vitoriosas, com brilhantes cortejos de carros alegóricos.

Autores de *Rumos 5*

A chegada dos Romanos à Península Ibérica

Convencidos os Romanos de que a guerra contra os Cartagineses decorreria na Ibéria e em África, enviaram Tibério Semprônio Longo para África e Públio Cornélio Cipião para a Ibéria. Este levou sessenta barcos com dez mil soldados de infantaria e setecentos cavaleiros, e com ele o seu irmão Cneio Cornélio Cipião, como legado.

Apiano, *Ibéria*, século II d. C. (adaptado)

Os Romanos e as tribos do ocidente Peninsular

São cerca de 30 as tribos que se repartem entre o Tago (Tejo) e os Ártabros (norte da atual Galiza). Mas, apesar de a região ser próspera, pelos seus frutos, pastos e abundância de ouro, prata e outros metais, a maioria deles passava a vida apartada da terra, em pirataria e em contínuas guerras entre si e com os vizinhos da outra margem do Tago até que os Romanos os pacificaram.

Estrabão, *Geografia*, livro III, século I

O chefe lusitano Viriato

Este Viriato era, pois, originário dos Lusitanos que habitam junto do Oceano. Sendo pastor desde criança, estava habituado à vida na montanha; vivendo constantemente em armas e em combates contra feras e salteadores, tornou-se famoso entre as populações e foi por elas escolhido para chefe. Rapidamente reuniu um bando de salteadores à sua volta. Pelos seus êxitos nas batalhas ganhou também reputação pela capacidade excepcional de liderança. Era também justo na divisão dos despojos de acordo com os méritos de cada um. Com o decorrer do tempo, proclamou-se não já salteador, mas chefe; combateu os Romanos e foi vencedor de muitas batalhas.

Diodoro Siculo, *Biblioteca Histórica*, XXXIII, 1, , século I a. C. (adaptado)

A romanização dos povos ibéricos

Os Turdetanos (povos do sul da Península Ibérica), principalmente os das margens do Bétis, adotaram completamente os costumes romanos, esquecendo até a própria língua e, muitos, tornados latinos, receberam entre si colonos de Roma, faltando pouco para inteiramente serem Romanos. As cidades ultimamente edificadas, como Pax Julia (Beja), Emerita Augusta (Mérida), Caesaraugusta (Saragoça) e várias outras colónias provam essas mudanças.

Estrabão, *Geografia*, livro III, século I

O cristianismo – religião oficial do Estado

Queremos que todos os povos a nós sujeitos sigam a religião que o apóstolo Pedro ensinou aos Romanos (...) isto é, que, segundo a disciplina apostólica e doutrina evangélica, se acredite na única divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo em três pessoas iguais. Quem seguir esta norma será chamado cristão católico, os outros, ao contrário, serão heréticos e as suas reuniões não poderão considerar-se como verdadeiras igrejas.

Edito de Teodósio (ano 380)

A chegada dos bárbaros à Península Ibérica

Na era de 408, os Vândalos, os Alanos e os Suevos ocuparam a Espanha, mataram e destruíram muitos nas suas sangrentas incursões, incendiaram cidades e saquearam as propriedades assaltadas.

Na era de 411, depois da terrível devastação das pragas pela qual a Espanha foi destruída, os bárbaros, decididos finalmente a fazer a paz, sortearam as províncias para as ocupar. Os Vândalos e os Suevos ocuparam a Galécia; os Alanos, a província da Lusitânia e a Cartaginense; porém os Vândalos, cognominados "Silingos", abandonaram a Galécia e ocuparam a Bética.

Na era de 429 Genserico (rei vândalo), tendo abandonado a Espanha, atravessou com todos os Vândalos e as suas famílias, o litoral da província da Bética e avançou até à Mauritânia e África.

Santo Isidoro, *História das Coisas dos Godos, Vândalos e Suevos*, século VII (adaptado)

Os Romanos e os Lusitanos

CENA 1

Narrador Nos finais do século III a. C., os Romanos chegaram à Península Ibérica. Depois, no ano 194 a. C., iniciaram a conquista da Lusitânia, território que correspondia a parte da atual área de Portugal.

As lutas entre os guerreiros lusitanos e as legiões romanas duraram muito tempo. Só cerca do ano 40 a. C., os Romanos conseguiram uma vitória definitiva nas terras da Lusitânia.

Tântalo (Lusitano) Temos de estar atentos. Acho que os Romanos andam atrás de nós!

Púnico (Lusitano) Atrás de nós?! Eu não vou deixar-me apanhar pelos Romanos!

(...)

Claudius (Romano) Temos de ter cuidado! Já ouvi dizer que estes tipos dos castros são perigosos!

Horácio (Romano) Pois é. Como vivem no alto dos montes, atacam-nos de surpresa e, depois, fogem.

(...)

Tântalo Desapareçam seus soldadinhos de espandador na cabeça! Saiam das nossas terras! Aqui vamos nós.

Púnico Força! Tomem lá mais uma pedrada. Vão embora da nossa terra. Voltem para Roma.

CENA 2

Narrador Entretanto, continuavam a chegar à Península Ibérica mais soldados romanos, que iam ocupando as terras férteis das planícies. Estas áreas começaram, então, a ser povoadas por colonos vindos de Itália.

Octávius (Romano) Olha, vamo-nos estabelecer neste vale. É verdejante e muito soalheiro. Tem árvores de fruta e aqui, bem perto, passa um riacho.

Ticianus (Romano) Pois, ali, naquela colina vamos construir um templo para prestarmos culto aos nossos deuses e ao Imperador de Roma.

Titus (Romano) E, onde vamos construir as termas? Ali, em baixo, há umas fontes onde a água brota quente. Temos de as aproveitar.

CENA 3

Narrador Mal os Romanos se estabeleceram nas terras férteis das planícies, os povos castrejos das proximidades começaram a mostrar muita curiosidade pelos seus trajos, costumes e maneira de viver. De facto, os Romanos tinham casas confortáveis e viviam rodeados de um certo luxo, ao contrário do que acontecia com os Lusitanos.

Titus Vamos fazer as pazes. Vocês vão ver que a vida lhes vai correr melhor.

Tântalo É. Acho que tens razão! De facto, já estamos fartos de estar isolados aqui em cima! Agora, os tempos são outros. Nós só temos de aprender a aproveitar as coisas boas que vocês têm, como as vossas roupas, adornos, as comodidades das vossas casas, as termas,...

Titus Então, pronto! Vamos escrever um pacto que estabeleça a paz entre nós.

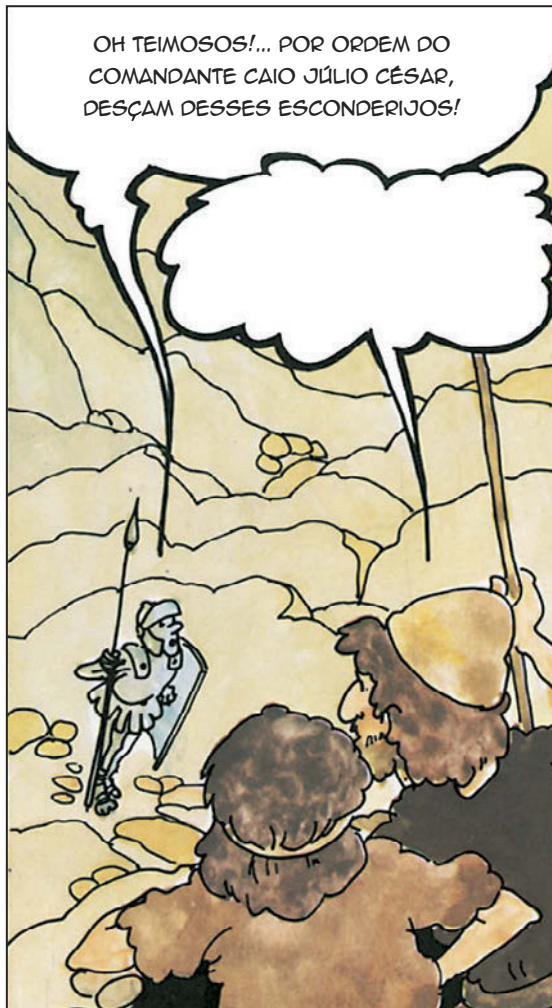
Tântalo Sim, é bom para todos... e, daqui a pouco, os nossos rapazes até podem vir a casar-se com as vossas filhas.

Titus Titus – Vamos lá escrever esse pacto!
EU, TITUS CILUS, REPRESENTANTE DA COMUNIDADE DE COLONOS ROMANOS ESTABELECIDOS NAS TERRAS BAIXAS JUNTO AO RIO DOURO, FAÇO UM PACTO DE HOSPITALIDADE COM TÂNTALO, CHEFE DO CASTRO DO MONTE MÓZINHO*.

(Mendes Moreira)

*No concelho de Penafiel, na estrada para Entre-os-Rios

Tarefa - Preenche, com base no texto dramático, os espaços em branco nos balões da BD.



Maomé, o enviado de Alá

- Não há divindade se não Deus e Maomé é o enviado de Deus (...).
- Crentes, antes de orar, lavai o vosso rosto, as mãos e os antebraços (...) para vos purificardes.
- Ó vós que acreditais, o jejum é-vos prescrito como foi prescrito àqueles que vos precederam. É no mês do Ramadão, no qual o Corão foi enviado como um guia para os homens (...). Podeis comer e beber até que possais distinguir, ao amanhecer, um fio branco de um fio negro. A partir desse momento observai estritamente o jejum até à noite.
- Não acrediteis que aqueles que sucumbiram no caminho de Deus estejam mortos (...). Na verdade, Alá comprou aos fiéis as suas pessoas e os seus bens, com a condição de dar o Paraíso em troca (...). Eles devem combater, matar e morrer porque ele fez uma promessa no Corão, e quem é mais fiel do que Alá aos seus compromissos?

Alcorão, I (adaptado)

A chegada dos muçulmanos à Península

Musa Nusayr (governador de Marrocos) nomeou Tárique (governador de Tânger) comandante das tropas. Ordenou-lhe que fosse a Espanha com 7000 muçulmanos, na sua maior parte berberes e libertos, pois havia pouquíssimos Árabes.

O rei dos Visigodos, D. Rodrigo, ao saber da correria de Tárique, considerou o assunto como coisa grave. Estava ausente da corte, combatendo em Pamplona, e dali se dirigiu para sul, quando já Tárique havia entrado por Gibraltar.

Encontraram-se Rodrigo e Tárique, que havia permanecido em Algeciras, num lugar chamado Lago, e pelejaram encarniçadamente; por fim, Rodrigo foi derrotado e os muçulmanos fizeram uma grande matança nos inimigos.

Crónica anónima do século XI (adaptado)

A vida dos cristãos no Al-Andalus, em meados do século IX

Caluniam-nos e perseguem-nos sem cessar, atormentam-nos continuamente por causa da nossa religião e ainda vos atreveis a assegurar que gozamos de liberdade religiosa e que não devemos contar entre os verdadeiros mártires aqueles que, sem se verem obrigados a renegar, buscaram voluntariamente a morte, desafiando a justiça muçulmana?

Mas em verdade vos digo, é forçoso confessar que há crime em ocultar-se, quando a confissão da nossa fé exige a pregação e pede o testemunho; quando só desta maneira pode brilhar aos olhos dos Infiéis e dos incrédulos a luz e a glória da nossa crença.

Eulógio de Córdoba, *Memorial dos Santos*, século IX

A herança muçulmana

Os muçulmanos introduziram ou difundiram plantas: a alfarrobeira, o limoeiro, a laranjeira azeda e talvez o arroz; plantaram grandes pomares, sendo afamados os do Algarve e dos arredores de Évora (...); e sobretudo, desenvolveram a técnica do regadio (...) com as suas noras e canais de rega. Esta influência sobreviveu ainda em muitas palavras da língua comum, relativas à vida do campo.

Orlando Ribeiro, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (adaptado)

Palavras de origem árabe (alguns exemplos)

Alambique – aparelho para destilação

Alazão – cavalo

Albacora – atum

Albarda – sela grosseira para animais de carga

Albornoz – capote

Albufeira – represa de água

Alcaçaria – oficina de curtumes; arruamento de tendas numa feira

Alcácel – cevada ou aveia verde

Alcaiata – ferro dos fundidores

Alcala – fio de coser as redes

Alcântara – ponte de pedra

Alcaria – casa para guardar as alfaias agrícolas

Alcatifa

Alcatrão

Alcatruz – cada um dos copos que elevam a água nas noras

Alface

Alfafa – pastagem

Alfageme – barbeiro que afiava armas brancas

Alicerce

Alifafe – colcha de cama

Aljaraz – chocalho do gado

Aljuba – colete

Almadia – barco

Almadraque – enxergão

Almadrava – pesca

Almagre – tinta

Almanxar – eira de secar figos

Almarge – pastagem

Almocrafe – sacho de minas

Almocela – manta

Almocreve – vendedor ambulante

Alfaiate

Alfândega

Alfarge – pedra de moinho de azeite

Alfarroba

Alfavaca – planta

Alfazema

Alfeixe – cerca de gado

Alfena – planta

Alfinete

Alfobre – viveiro onde se semeiam plantas

Alforge – saco de viagem

Algarismo

Algaz – planta

Algerife – rede de pesca

Algeroz – cano das águas pluviais

Algibe – cisterna

Algibebe – negociante de roupa

Algibeira – saco preso à cinta para o dinheiro

Algodão

Alguidar

Alheta – peça de barco; debrum do gibão

Aliazar – lezírias

Alicate

Almece – soro do queijo

Almoeda – leilão

Almofaça – escova de ferro

Almofada

Almofariz – vaso onde, com a ajuda de um pilão, se trituram alimentos ou outras substâncias

Almofreixe – mala grande de viagem

Almude – antiga medida de capacidade

Almuinha – horta murada

Alqueire – antiga medida de capacidade

Alqueive – terra em pousio

Alquilé – aluguer

Alvanel – pedreiro de alvenaria, aqueduto nas minas

Alverca – terreno pantanoso, viveiro de peixes, tanque de nora

Alvergue – tanque do lagar

Alvitana – rede

Cristãos e muçulmanos em tempos de paz



Cristãos e muçulmanos viveram, como sabes, tempos de guerra mas também tempos de paz. Ora, nos muitos momentos de relações pacíficas, os dois grupos conviviam, negociavam e divertiam-se. Vamos, então, imaginar uma conversa entre dois rapazes amigos que, cerca do ano 1000, viviam na cidade muçulmana de Myrtilis Julia (atual Mértola).

Almedin Bom dia! (faz um salamaleque, tradicional saudação muçulmana que, em árabe, significa “a paz esteja contigo”).

Rodrigo (divertido) Bom dia, também, para ti! Vejo que continuas a respeitar a tradição, apesar de já terem passado muitos anos desde a chegada dos mais antigos muçulmanos à...

Almedin É verdade. Tal aconteceu em 711, quando os Muçulmanos entraram na Península Ibérica, vindos do Norte de África.

Rodrigo Ao que me contaram a ocupação da Península foi fácil e rápida...

Almedin Bem, os meus antepassados foram bem recebidos por quase toda a população. Mas, houve alguns nobres visigodos que fugiram para as terras montanhosas do Norte. Lá para as Astúrias, onde organizaram a resistência.

Rodrigo E depois, que se seguiu?

Almedin Tudo se complicou quando os combatentes cristãos das Astúrias começaram a reconquistar o território. Deram-se muitas batalhas... Depois, desentendemo-nos e os reis cristãos ibéricos passaram a ter mais sorte na guerra. Olha, ao fim de alguns séculos, formou-se Portugal.

Rodrigo E, então, os teus antepassados resolveram ficar por cá!

Almedin Sabes que os meus antepassados habituaram-se a viver aqui, no sul de Portugal, e sentiam-se bem...

Rodrigo Sim, nós também nos habituamos a conviver com o teu povo.

Almedin É verdade. Apesar de vivermos nos nossos bairros, nas mourarias, separados de vocês...

Rodrigo Não gostas de viver assim... separado?

Almedin Gosto... claro que sim! Desde que nos deixem manter os nossos costumes e tradições e respeitem a nossa fé em Alá. Na mouraria, todos nós, mouros, nos conhecemos. Somos uma grande família.

Rodrigo As nossas diferenças são muitas, é verdade... Nós não andamos com essas roupas esquisitas, não seguimos o vosso deus Alá, nem rezamos virados para Meca...

Almedin (sorriso)

Rodrigo ... mas, o que interessa é que aprendemos muito com o teu povo... e acho engraçado que tu também já faças muitas coisas como nós!!

- Almedin** Tens razão, amigo! Vamos aprendendo uns com os outros! Sabes que foram os meus antepassados que trouxeram a laranjeira e o pessegueiro para aqui?
- Rodrigo** Sei. O meu pai, velho camponês, disse-me que foram os teus antepassados que trouxeram a nora, que permite regar os campos muito mais depressa...
- Almedin** ... e os pomares no Algarve, os figos e as uvas no Alentejo, as maçãs em Sintra...
- Rodrigo** Tudo isso?
- Almedin** E muito mais. Sabes que no nosso antigo Império viviam muitos povos. Uns eram avançados na matemática, outros sabiam muito de astronomia, outros tinham desenvolvido a medicina e...
- Rodrigo** Estou a perceber. Vocês copiaram tudo desses povos.
- Almedin** Nada disso. Pelo contrário, graças à inteligência dos meus antepassados, nós adaptamos, melhorámos e aperfeiçoamos os inventos e as descobertas dos outros povos. E, claro, criamos coisas novas, também, estás a perceber?
- Rodrigo** Sim, portanto vocês ensinaram-nos o que aprenderam com outros povos.
- Almedin** ... e o que nós aperfeiçoamos e criamos, não te esqueças. Aliás, tu, Rodrigo, usas no teu dia a dia muitas palavras que são de origem árabe.
- Rodrigo** Eu sei. É o caso, por exemplo, do nome da nossa região – o Algarve.
- Almedin** Sim, que quer dizer “o Ocidente”. Mas, há mais, muito mais...
- Rodrigo** Está bem, amigo. Mas, agora, tenho de ir à minha vida.
- Almedin** Já te vais? Eu queria, ainda, falar-te da nossa música, da arte, dos barcos, das casas...
- Rodrigo** Por hoje, chega! Tenho de ir à minha vida.



(Mendes Moreira)

Tarefa - Preenche o quadro.

Personagens	
Diferenças entre as personagens	
Influências muçulmanas em Portugal	

Concessão do Condado Portucalense

E era este D. Henrique muito discreto e esforçado cavaleiro. (...) E andando sempre na guerra dos Mouros com El-Rei D. Afonso, fez muitas cavalaria, por ordem del-Rei. E tendo el-Rei assim dele grandes feitos e trabalhos, que em sua companhia passaram na guerra contra os infiéis, determinou de casar as suas filhas com eles. E a outra chamada D. Tareja, deu por mulher a D. Henrique, dando-lhe com ela em casamento Coimbra, e com toda a terra até o castelo de Lobeira, que é uma légua além de Pontevedra em Galiza, e com toda a terra de Viseu e Lamego. E tudo o que assim lhe deu, fez Condado de Portugal, em tal condição que o conde D. Henrique servisse, e fosse a suas Cortes e chamados. Mas, o conde D. Henrique, embora fosse um varão honrado, começou a hostilizar um tanto a vassalagem. Repeliu das fronteiras do condado os mouros, o mais que possível lhe foi, reivindicando para si uma soberania especial.

Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal, século XV

O conde D. Henrique

D. Henrique travou muitas lutas com Leoneses e ganhou deles muita terra até chegar a Astorga a qual tendo metida a seu senhorio, dali os guerreou fazendo muitas cavalgadas pela terra, estragando-lhes pães (campos de cereal) e vinhas. Veio o conde a adoecer e conheceu não haver nele vida, pelo que chamou seu filho D. Afonso Henriques dizendo:

- Filho, more sempre em teu coração justiça, dá a cada um o que é seu direito assim grandes como pequenos, e nunca por pedidos nem cobiça deixes de fazer justiça (...). De toda esta terra que te deixo, não percas dela um palmo que eu a ganhei com grande fadiga e trabalho. E manda-me a enterrar a Santa Maria de Braga, que eu povoei.

Duarte Galvão, Crónica de El-Rei D. Afonso Henriques, 1505

A batalha de São Mamede

(Em 1128), no mês de junho, na festa de São João Batista, o infante D. Afonso, filho do conde D. Henrique e da rainha D. Teresa, tomou na sua mão o reino de Portugal. Porquanto, morto o seu pai o conde D. Henrique, como ele ainda fosse criança de dois ou três anos, alguns estrangeiros usurparam o governo de Portugal, com o consentimento de sua mãe, a rainha D. Teresa, querendo ela própria governar no lugar do marido, afastando o filho dos negócios do reino. Valente como era, convocou os seus amigos e os mais nobres de Portugal, que preferiam o governo dele ao da mãe e dos indignos estrangeiros, travou com aqueles batalha no campo de São Mamede, que fica próximo do castelo de Guimarães. Ocupou ele o governo e a monarquia do reino de Portugal.

Crónica dos Godos, século XII

Sobre a conquista de Lisboa

Em cerca de cento e sessenta e quatro navios reuniram-se, no porto de Dartmouth, homens de diversas nacionalidades, costumes e línguas. (...). Entre estes povos de tão diferentes línguas fizeram-se promessas firmíssimas de concórdia e amizade. (...). Ora como tivéssemos chegado ao Porto, o bispo com seus clérigos veio ao nosso encontro. O rei achava-se então ausente com o seu exército, lutando contra os mouros. Feitas a todos as saudações conforme o costume da sua gente, disse-nos o bispo que já sabia que nós havíamos de chegar, e na véspera recebera do rei uma carta, em que dizia isto:

"Afonso, rei de Portugal, a Pedro, bispo do Porto, saúde. Se porventura arribarem aí os navios dos Francos, recebei-os diligentemente com toda a benignidade e doçura e, conforme o pacto que com eles fizdes de ficarem contigo, vós e quantos o quiserem fazer, como garantia de combinação feita, vinde em sua companhia a ter comigo, junto de Lisboa. Adeus".

Ao norte do rio está a cidade de Lisboa. (...). Os seus terrenos, bem como os campos adjacentes, podem comparar-se aos melhores, pela abundância do solo fértil, quer se atenda à produtividade das árvores quer à das vinhas. E abundante de todas as mercadorias; tem ouro e prata. Não fabricam o sal: escavam-no. É de tal modo abundante de figos que nós a custo pudemos consumir uma parte deles. Os seus ares são saudáveis e há na cidade banhos quentes.

Carta de Osberno (cruzado), século XII

Rendição dos mouros de Silves

Constrangidos pela necessidade da sede, saiu o alcaide da cidade e outros dois dos maiores do lugar. E vieram-se a el-rei e falaram com ele; dizendo que lhe dariam a cidade, e que os deixassem ir com todas as suas coisas. E el-rei chamou os Flamengos, sem os quais não podia fazer nenhum acordo. E eles disseram que não consentiam nisso, mais que não era bem ficar nenhum vivo. E el-rei, então, havendo piedade dos mouros, houve de fazer com os Flamengos que os deixassem a vida sem outra nenhuma coisa que levassem. E eles disseram a el-rei que pois lhe a ele aprazia assim, que saíssem com as mais vis vesteduras que tivessem.

Rui de Pina, *Crónica de D. Sancho I*, século XVI

D. Afonso III (1248-1279)

um grande monarca medieval

Segundo filho de D. Afonso II, foi educado em França. Por incapacidade de D. Sancho II, seu irmão, regressou a Portugal e, pouco depois, assumiu a coroa (1248). O seu reinado tem vários acontecimentos marcantes: a conquista definitiva do Algarve (1249), a primeira reunião das Cortes com a presença dos procuradores dos concelhos (1254) e a ascensão da cidade de Lisboa a capital do reino (1255).



Entrevistador Eis el-rei D. Afonso III, o primeiro rei de Portugal e do Algarve.

D. Afonso III É verdade. Uma grande honra pessoal.

Entrev. Para mim, é também uma honra poder conversar com Vossa Senhoria. Permita-me uma curiosidade: a que se deve o seu cognome "O Bolonhês"? É um pouco invulgar.

D. Afonso III É muito simples. Como era o segundo filho de D. Afonso II e não se previsse vir a ser rei, saí do país e fui para junto da minha tia D. Branca, que vivia na corte francesa. Lá conheci D. Matilde, condessa de Bolonha, com quem casei. Daí veio o cognome de "O Bolonhês".

Entrev. Muito bem. E, já agora, o que o fez regressar a Portugal?

D. Afonso III Olhe, com franqueza, eu troquei as riquezas do condado de **a)** _____, em França, pela realeza de Portugal porque sempre desejei ser rei.

Entrev. !!!... Mas, como é que tudo aconteceu?

D. Afonso III A oportunidade surgiu quando o meu irmão, o rei D. Sancho II, se mostrou incapaz de impor a ordem no reino. Por isso, alguns nobres e clérigos convidaram-me para governar o reino, dando-me o título

de "Visitador, Curador e Defensor". Orgulhoso por tal convite, regressei ao meu país.

Entrev. Não me diga que se deu um golpe de Estado?!

D. Afonso III Bem, o reino viveu uma situação de guerra civil e, dois anos mais tarde, com a morte de **b)** _____, eu assumi a coroa.

Entrev. E, a guerra civil acabou?

D. Afonso III Com efeito, não. Por isso, tive de criar um plano que unisse todos os fidalgos e os levasse a pôr fim aos combates entre eles.

Entrev. Bem pensado. O que é que propôs?

D. Afonso III A conquista do **c)** _____ para expulsar os mouros do território no sul do reino. Todos aceitaram, com entusiasmo.

Entrev. Foi uma ideia brilhante. A luta contra os mouros foi difícil?

D. Afonso III Tudo correu bem, sem dificuldade, e para contentar a nobreza e pôr fim às suas divisões, dei a todos grandes recompensas e bons cargos.

Entrev. E, quanto a Castela? O rei reconheceu a conquista portuguesa do Algarve?

D. Afonso III Isso é outra história! Como o rei castelhano pretendia o Algarve, eu tive de criar um plano para lhe agradar: pedi a sua filha D. Beatriz em casamento...

Entrev. Como?! Mas, Vossa Senhoria já era casado!!!

D. Afonso III ... é verdade...

Entrev. Então, o que aconteceu?

D. Afonso III Bem, eu não fui um bom marido para D. Matilde. Ela veio a Portugal e... recusei-a. Por isso, o Papa ameaçou-me com o Inferno, ordenou vários castigos mas nada me meteu medo. O que eu queria era assegurar para Portugal a posse do Algarve.

Entrev. E depois?!... Casou com a princesa de Castela?

D. Afonso III Claro... Eu gostava da filha de Afonso X, rei de Castela e Leão, e precisava de me entender com o meu sogro. Mas, não foi fácil. Só quase dez anos depois do casamento é que Castela reconheceu a posse do Algarve por Portugal.

Entrev. Então não foi fácil!

D. Afonso III Não. Mesmo assim Afonso X impôs a condição de o território ser administrado pelo seu neto e meu filho, o jovem príncipe **d)** _____.

Entrev. Enfim, tudo acabou em bem. Imagino, que passou a ter uma vida calma em Lisboa, dedicada aos seus negócios nas lojas e armazéns à beira rio e aos saraus de música e poesia no seu palácio, o Paço da Alcáçova.

D. Afonso III Bem, isso é só uma parte da verdade. Os tempos que se seguiram não foram só de festa.

Entrev. Não me diga que o reino continuou a viver tempos agitados!?

D. Afonso III Como sabe não se pode agradar a toda a gente...e, desta vez, era a Igreja que queria ter mais privilégios e honras. Até se queixaram de mim ao Papa.

Entrev. Parece impossível. E, agora, qual foi o seu plano para resolver a situação?

D. Afonso III Olhe, mandava delegações da minha corte a Roma para agradar ao **e)** _____, fazia muitas promessas... Até prometi organizar uma cruzada à Terra Santa.

Entrev. E fez?!

D. Afonso III Bem, em abono da verdade... Mas, sabe, ao fim de dez anos de falsas promessas, comecei a sentir-me velho, sempre adoentado, e acabei por dar aos bispos as regalias que eles exigiam.

Entrev. Pois é... teve medo do Inferno.

D. Afonso III Sabe, eu sentia o fim da minha vida. De vez em quando, tinha sonhos terríveis. Parece que estava num caldeirão a arder e... não acha que é melhor prevenir que remediar?

Entrev. Pois, pois. Como eu o compreendo!

(Mendes Moreira)



Tarefa - Preenche os espaços em branco no texto.

O povoamento do território

Eu Conde D. Henrique e minha mulher e ilustre rainha D. Teresa, filha do grande rei D. Afonso (...) fazemos carta de doação e duração perpétua a vós Alberto e Roberto Tibaldi e ainda a todos franceses que atualmente moram na vila de Guimarães. Damos pois a vós o terreno livre (...) e o concedemos para que o tenhais e possuais livre e em paz vós e todos os vossos descendentes para sempre pelo muito bom serviço que vós fizestes e fazeis (...) e porque escolhestes morar connosco na nossa terra.

Texto in Vimaranesis Monumenta Historiae

Carta de feira de Santarém

Dom Dinis, pela graça de Deus, Rei de Portugal e do Algarve. A quantos esta carta virem faço saber que eu mando fazer feira na minha vila de Santarém e que a comecem a fazer no primeiro dia de abril. E dure até primeiro dia de junho e assim em cada ano. E todos aqueles que a essa feira vierem sejam seguros de ida e de vinda e de estada, e mando que não sejam penhorados por nenhuma dívida, naqueles quinze dias antes deste tempo que vierem a essa feira, nem nos ditos dois meses que a feira durar, nem nos outros quinze dias depois da feira a que possam ir em salvo, senão por dívida que for feita na feira. (...) Mando que todos aqueles que a essa feira vierem com suas mercadorias que não paguem a mim, na dita feira de Santarém, portagem nem costumagem nenhuma.

Carta de feira de Santarém, 1317

Fundação do Estudo Geral em Lisboa

Ora, desejando Nós enriquecer nossos reinos com este precioso tesouro, houvermos por bem ordenar; na real cidade de Lisboa um estudo Geral, que não só munimos com cópia de doutores em todas as artes mas também confirmamos com muitos privilégios.

Prometemos, com a presente carta, plena segurança a todos os que nele estudam ou queiram de futuro estudar; e não permitiremos que lhes seja cometida ofensa por algum ou alguns de maior dignidade que sejam, antes, com a permissão de Deus, curaremos de os defender de injúrias e violências. Além disso, quantos a eles vierem nos acharão em suas necessidades de tal modo generosos que podem e devem fundamentalmente confiar nos múltiplos favores da Alteza Real.

In Chancelaria de D. Dinis, 1290

A fome de 1333

O ano de 1333 foi tão mau por todo o Portugal que andou o alqueire de trigo a 21 ceitis⁽¹⁾ e faltaram todos os outros frutos de que a população se mantinha. Nesse ano morreram muitas pessoas de fome, sendo tantos os mortos que não cabiam nos adros das igrejas e os enterravam fora dos adros e deitavam nas covas aos quatro e aos seis.

Livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra, século XIV (adaptado)

⁽¹⁾Ou seja, cerca de seis vezes mais caro do que em anos normais

A Peste Negra

No início da epidemia, produziam-se inchações nas virilhas ou nos sovacos: algumas tornavam-se grandes como maçãs, outras como um ovo. Davam-lhes o nome de bubões. Os bubões não tardavam a crescer em qualquer parte do corpo, anunciando a morte. Depois, o mal passava a apresentar-se sob o aspeto das manchas negras, que apareciam em qualquer parte do corpo. Quanto ao tratamento, não havia prescrição médica ou receita eficaz que curasse ou produzisse qualquer alívio ao doente.

Boccaccio, *Decameron*, 1351 (adaptado)

Motins populares após a morte de D. Fernando

Quando por falecimento de el-rei em cidades e vilas se mandou alçar voz por D. Beatriz, rainha de Castela: – Arraial, arraial, pela rainha D. Beatriz de Portugal, nossa senhora – o povo miúdo amotinou-se. Em Elvas, mal o alcaide mandou lançar pregão por D. Beatriz, a multidão apoderou-se do castelo. Em Beja, pouco depois, o povo, conduzido por um a que chamavam Gonçalo Ovelheiro, cercou o castelo, pôs fogo à porta e entrou nele, enquanto o alcaide, partidário da rainha, se escapava por outra banda. Em Portalegre, a arraia-miúda atacou o castelo pela manhã com tamanho ardor, que ao meio-dia já o tinha em seu poder.

Em Estremoz e em Évora e em outras partes, o povo prendeu e amarrou as mulheres e os filhos dos que eram pelo rei de Castela, e ameaçou de os queimar à vista dos seus parentes, pelo que eles preferiram entregar os castelos.

E até em frente de Lisboa, Almada se entregou, mais por boas razões que pela força.

In *Crónica do Condestável de Portugal*, século XV (adaptado)

As Cortes de Coimbra

Juntos em Coimbra esses prelados e fidalgos que entendiam defender Portugal, e alguns procuradores de certas vilas e cidades do reino, começaram a falar do governo da terra e de quem a devia governar.

Nisto, chegou-se o dia em que haviam de abrir as Cortes.

– Ora, senhores – disse aquele doutor [João das Regras] –, pois que já está esclarecido aquilo em que tanto duvidáveis, este reino está de todo vago e posto à nossa disposição para elegermos quem o defenda e governe. De forma que, pelas coisas que até agora vimos, este D. João, Mestre de Avis, que tanto trabalhou e trabalha por honra e defesa deste reino, é apto e idóneo e merece esta honra e estado de rei.

E por acordo unânime de todos os grandes e comum povo responderam que promovessem o Mestre [de Avis] à alta dignidade e estado de rei.

Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, 1443 (adaptado)

A vida num senhorio medieval



Camponês 1 Temos por aqui uma cara nova! Deixa-me ir conhecê-lo. (...) Como passa? Então o que o trouxe para estas bandas?!

Camponês 2 Olá. Obrigado. Sou um antigo servo. Comprei a minha liberdade e... vim para uma propriedade nova. Vamos ver como tudo vai correr, agora.

Camponês 1 Ai, amigo,... Isto este ano vai mal, mesmo mal... Nem sabes o que te espera...

Camponês 2 O que me espera? Olha que o nosso senhor é muito generoso. Concedeu-me um casal para explorar e garantiu-me proteção e segurança.

Camponês 1 Sim, ele dá-nos proteção, claro, mas em troca temos uma série de obrigações a cumprir... . Olha, por exemplo, as rendas que és obrigado a pagar.

Camponês 2 Rendas?

Camponês 1 Sim! Para além de termos de trabalhar, como hoje, na reserva do senhor, ainda temos de lhe dar uma parte do que colhemos no casal... e é isso que me está a preocupar...

Camponês 2 E, então, porquê?

Camponês 1 Com o clima seco deste ano, as colheitas vão ser muito fracas... Teremos de entregar quase tudo ao senhor... Como vou alimentar a minha família?

Camponês 2 Então... alguma coisa há de sobrar... Poderás moer os cereais e fazer pão para todos. Já vi que este senhorio até tem um moinho e um forno.

Camponês 1 Nem me fales nisso! Para o fazer tens de dar ao senhor uma parte do que lá fores moer e cozer...

Camponês 2 Estou a ver que não é fácil só que doutra forma também não podíamos sobreviver. Aqui estamos em segurança... Não temos de temer os assaltos.

Camponês 1 Sim, tens razão. Apesar de vivermos mal, temos a nossa vida mais segura...

(Entretanto, o senhor, a cavalo, aproxima-se, acompanhado pelo capataz, a pé, que lhe vai explicando os trabalhos)

Senhor Estou a ver que as plantações este ano não estão a correr bem...

Capataz Sabe, senhor, o tempo tem estado muito seco... não chove há muito... não podemos fazer nada!

Senhor Bem, nada pode faltar no castelo. Assegura-te disso. Não te esqueças que temos de preparar, em breve, o grande banquete em honra do senhor conde que nos vem visitar.

Capataz Sim, meu senhor!

Senhor Como sabes, esta propriedade foi-me dada pelo conde de Beires, em troca do apoio militar que lhe prestei aquando dos ataques dos Vikings.

Capataz Sei muito bem. Graças à sua valentia e coragem, conseguiu defender esta região dos ataques dos piratas do Norte da Europa... mas foi bem recompensado.

Senhor É verdade, graças a este senhorio disponho de boas rendas... Mas vamos ao que interessa. Como está o meu gado? Os porcos, os carneiros e as vacas estão gordos para a matança?

Capataz O senhor sabe... as pastagens estão secas... sem erva não há engorda...

Senhor Faz o que tiver de ser feito. Aumenta as rendas, se for necessário (dá uma volta para sair e os camponeses ficam novamente sozinhos).

Camponês 2 Que Deus nos acuda! Tinhas mesma razão... como vai ser a nossa vida?

Camponês 1 Não sei... não sei... (ouve-se ainda a voz do capataz, a ir embora).

Capataz E vocês dois aí... parem de conversar e trabalhem... depois, não se queixem!!...



(Mendes Moreira)

Tarefa - Preenche o quadro.

Local onde decorre a ação	
Personagens	
Preocupações dos intervenientes	
Deveres dos camponeses para com o senhor	
Dever do senhor para com os camponeses	

A caminho de um feira do século XIII

Ao longo de um caminho de terra batida, rodeado por extensos pinhais, dois mercadores dirigem-se, nos finais do século XIII, para a feira de Guimarães. Vão bem dispostos e as suas mulas carregam muitas mercadorias pois confiam no sucesso dos seus negócios.

1.º Mercador Este foi um ano de fartura. As colheitas foram boas. Há para comer e vender.

2.º Mercador É verdade. O que é que levas para a feira de Guimarães?

1.º Mercador Olha, levo cereais, tigelas de barro, arreios para cavalgadura, panos de lã e de linho e, até, uns potes de azeite.

2.º Mercador Eu não levo azeite. Esse é um produto caro. Mas, tenho aqui comigo algumas novidades.

1.º Mercador Ah, sim!? Então, que levas?

2.º Mercador Umas mercadorias de terras de muito longe. Estou a ver que estás curioso. Bem, eu digo-te. As minhas mulas levam tecidos de França, armas de Castela e, até, especiarias que vieram do Oriente.

1.º Mercador Olha se te assaltam, estás bem arranjado. Tudo isso é caro. Ficas na miséria.

2.º Mercador Eu sei, estes caminhos são perigosos... Quem são aqueles?

1.º Mercador Não te aflijas. Não são malfeitores. São camponeses.

2.º Mercador Boas tardes. O Senhor vos acompanhe. Onde vindes?

1.º Camponês Vimos das terras de Braga.

2.º Mercador E que levais?

2.º Camponês Coisas da terra, como alhos, nabos, cebolas. Levamos, também, galinhas e suínos. Ali o meu compadre tem umas ferramentas e sapatos, que fez nas horas vagas.

1.º Mercador Estamos quase a chegar. Cada vez se vê mais gente... Lavradores, frades, nobres acompanhados pelos seus homens de armas, ...

2.º Mercador ... e guardas de feira. É bom vê-los pois assim há mais segurança e estamos mais protegidos.



Feira do século XIII.

in A Pátria Lusitana, Edições ASA

1.º Mercador Concordo contigo. Só é pena termos de pagar impostos pelas mercadorias que levamos para a feira.

2.º Mercador Tem paciência. É assim que consta na carta de feira do nosso antigo rei D. Afonso III.

1.º Mercador Bem, onde nos vamos instalar?

2.º Mercador Eu vou já montar os meus toldos aqui, junto à porta do castelo. Amigo, boa sorte!

1.º Mercador Obrigado. Diz-me só mais uma coisa. Tu vais vender só a dinheiro?

2.º Mercador Não. Como sabes as moedas não abundam muito, em especial entre a gente do povo. Por isso, vou aceitar que eles me paguem em géneros, como mel, cera, lã, ...

1.º Mercador Concordo. Agora vou à minha vida. Estou a ver ali um bom espaço no meio do terreiro.

2.º Mercador Vai com Deus. Mais logo, ao pôr-do-sol, encontramo-nos na taberna. Depois, vamos ver os jograis, os saltimbancos e as bailarinas. Quero cantar e bailar. Até trouxe uma flauta.

1.º Mercador Eu, também, quero jogar os dados e dançar com as raparigas. Esta feira de setembro dá tempo para tudo. Dura quatro dias e... a vida não é só para trabalhar.

(Mendes Moreira)



in A Pátria Lustiana, Edições ASA

Diversão na feira.



Tarefa - Preenche, com base no texto dramatizado, os espaços em branco nos balões das ilustrações.

in A Pátria Lustiana, Edições ASA

No cais do rio Tejo, em finais do século XIII



(Cidade de Lisboa, junto ao Tejo, um cais. Veem-se barcos, homens a descarregar mercadorias e muita agitação. Uma das personagens é de Lisboa e a outra chegou recentemente do interior do reino).

Pero (arfando do esforço do trabalho, grita para o lado) Então, Fernão, anda cá dar uma mão! O que fazes aí espedado a olhar?

Fernão (espantado) Ai, valha-me Deus! Até estou meio tonto com tanta confusão!

Pero (com voz jocosa) Pois... coitadinho! Não me digas que vais desistir, logo, no teu primeiro dia na "grande cidade".

Fernão Vem donde?

Pero De Génova. (admirado) Mas, afinal, se tu não sabes nada disto... O que estás aqui a fazer?

Fernão Eu...eu...bom, sou de uma aldeia do Alentejo. Sou de uma família grande, onde todos

trabalham na agricultura. O meu pai ouviu dizer que aqui, em Lisboa, se vive melhor por causa das feiras e mercados. Então, mandou-me para casa de um tio...

Pero Ah! Percebo...

Fernão Foi ele que me trouxe cá, hoje de manhã! Arranjou-me trabalho aqui a descarregar... Mas é tudo tão confuso... Tanta gente, tantos barcos, tantas cordas, tantos sacos...

Pero Não te preocupes. Eu explico-te. Estes barcos maiores são de grandes comerciantes europeus, que compram produtos numas cidades e, depois, os vão vender para outras terras. Estás a perceber?

Fernão Então, de onde vêm e para onde vão exatamente?

Pero Pois...isso depende, mas olha... este que chega hoje, e que nós vamos ajudar a descarregar, traz produtos que os italianos foram buscar ao Oriente...

Fernão Onde?

Pero Ao Oriente... lá longe, onde o sol nasce... Bem, eles trazem de lá produtos raros – especiarias, joias, tecidos... - e, depois, vão vendê-los às cidades do Norte da Europa.

Fernão Ah! E Lisboa também faz parte dessa Europa?

Pero (a gozar) Ai que este rapaz não sabe nada! Sim, Fernão, Portugal é um reino da Europa! E digo-te que a nossa cidade está muito bem localizada, junto ao mar...

Fernão E é bonita, assim, cheia de gente...

Pero Sabes, como é a meio caminho entre o Sul e o Norte da Europa, todos os barcos gostam de cá parar...E fazem grande negócio também!

Fernão Isso vê-se... tantos comerciantes aqui à espera deste barco... (admirado). Olha lá, esta gente não fala como nós. Não entendo o que eles dizem.

Pero (rindo-se) Ah!! Deves ter ouvido algum genovês ou maiorquino ou catalão ou outro qualquer estrangeiro a falar! É que aqui em Lisboa vivem muitas pessoas de várias partes da Europa... Ficam a tratar dos negócios...

Fernão Ai sim?

Pero Mas também é verdade que os barcos, quando saem daqui, levam produtos para vender noutras paragens!

Fernão (impressionado) Sério? Lisboa é assim tão importante?!!

Pero Nós temos alguns produtos que se vendem bem para o estrangeiro, como sal, vinho, azeite, couros, peles.

Fernão Muito interessante. Vou gostar de viver em Lisboa.

Pero Estou a ver. Mas, agora, despacha-te. O barco está a acostar. Vem daí!!

(Mendes Moreira)



Tarefa - Preenche o quadro.

Local onde decorre a ação	
Personagens	
Locais de comércio referidos no texto	
Produtos referidos no texto (importados e exportados)	



D. João I (1385-1433)

o fundador da dinastia de Avis

Filho ilegítimo de D. Pedro I, tornou-se Mestre de Avis aos 6 anos. Em 1383, à morte de D. Fernando, seu meio-irmão, D. João encabeçou a revolta popular em Lisboa, recebendo o título de «Defensor e Regedor do Reino». Em 1385, nas Cortes de Coimbra, foi aclamado rei de Portugal, e, na batalha de Aljubarrota, alcançou uma vitória decisiva sobre as tropas de Castela. Em 1415, comandou a expedição a Ceuta, dando início à expansão ultramarina portuguesa.

Entrevistador Hoje, connosco, Sua Alteza D. João I, “O da Boa Memória”.

D. João I Como disse?!

Entrev. Então, não sabe que o seu cognome é “O da Boa Memória”?! Foi muito bem posto, pois o seu reinado deixou muito boas recordações. Para além de tudo, salvou a independência de Portugal após a morte de **a)** _____.

D. João I Ah! Compreendo, agora. Estou totalmente de acordo, pois nessa altura o reino correu grande perigo.

Entrev. Como é que tudo começou?

D. João I Olhe, a rainha-viúva D. Leonor tinha grande simpatia por Castela e a sua filha, **b)** _____ estava prometida em casamento ao rei de **c)** _____.

Entrev. Sim, e ainda havia um tal Conde de Andeiro.

D. João I Era um forte partidário de Castela e, ainda por cima, diz-se que era amante de D. Leonor.

Entrev. Enfim, só problemas!

D. João I Bem, quanto ao Conde de Andeiro, o problema resolveu-se num instante. Um dia,

acompanhado por gente boa de Lisboa, subi aos Paços da Rainha e, rapidamente, demos cabo dele.

Entrev. Então, isso foi uma conspiração! E depois?

D. João I Depois, tudo se complicou. A rainha-viúva foi para Santarém e chamou o rei de Castela para vir a Portugal tomar posse do trono.

Entrev. Um problema grave.

D. João I Sim, tivemos logo de nos preparar para a invasão castelhana. Os burgueses de Lisboa deram dinheiro para as despesas da guerra e nomeei **d)** _____, um dos poucos nobres que me apoiavam, como comandante-geral das tropas.

Entrev. E, quando se deram os combates? O que aconteceu a Lisboa?

D. João I Bem, D. Nuno levou um pequeno exército para Atoleiros, perto da vila de Fronteira, no Alentejo. Aí tudo correu bem. O pior foi em Lisboa, onde durante vários meses sofremos um grande **e)** _____. Conseguimos resistir aos ataques castelhanos, mas foi a peste que nos salvou. Eles, assustados, levantaram o cerco à cidade.

Entrev.

Então, os castelhanos não mais voltaram.

D. João I

Voltaram, pois. Quando eu fui aclamado rei nas Cortes de f) _____, em abril de 1385, o rei de Castela lançou um grande ataque a Portugal. Eles eram mais de 30 mil soldados e, até, vinham apoiados por tropas francesas.

Entrev.

E nós, como nos defendemos?

D. João I

Tudo se decidiu em g) _____, ali bem perto da Batalha. D. Nuno Álvares Pereira organizou um grande plano para enfrentar o inimigo. Em primeiro lugar, minou o terreno com as "covas de lobo", uns buracos no chão com paus afiados voltados para cima. Depois, preparou as nossas tropas para atacarem «em tenaz» os cavaleiros castelhanos; por fim, colocou os arqueiros ingleses, sabiamente, no terreno.

Entrev.

Então, tiveram a ajuda da Inglaterra!...

D. João I

Sim, se a França apoiava Castela, nós pedimos à Inglaterra para nos apoiar.

Entrev.

Bem feito. Quem ganhou, afinal, a batalha de Aljubarrota?

D. João I

Quem havia de ser? Claro que fomos nós. Mas, como eu estava um pouco receoso, prometi a Nossa Senhora, em plena batalha, construir um grande mosteiro, o Mosteiro de Santa Maria da Vitória.

Entrev.

Hoje chamado Mosteiro da h) _____. Enfim, as lutas terminaram para Sua Alteza!

D. João I

Não, ainda houve alguns combates com Castela. Mas, depois, voltei-me para o Norte de África para combater os Muçulmanos e tomar-lhes algumas cidades.

Entrev.

Bem, essa já é outra história.

D. João I

É verdade. São histórias de grandes aventuras em terras e no mar, de valentes cavaleiros e audazes marinheiros que levaram o bom nome de Portugal a correr todo o mundo.

(Mendes Moreira)



Estátua equestre de D. João I, em Lisboa.

Tarefa - Preenche os espaços em branco no texto.

Medos dos navegadores nos inícios do século XV

Nos inícios do século XV, acreditava-se que a seguir ao cabo Bojador (localizado no que é hoje o Sara Ocidental) começava o Mar Tenebroso, onde a água fumegaria sob o Sol, imensas serpentes comeriam os desgraçados que caíssem ao mar, o ar estaria envenenado, os brancos ficariam negros, haveria cobras com rostos humanos, gigantes, dragões e canibais com a cabeça embutida no ventre.

Por outro lado, o estrondo das ondas nos penhascos da costa, as correntes fortíssimas e as névoas de areia provocariam o pânico nos pilotos.

Maurice Crouzet, *História Geral da Civilização*

Saberes e interesses dos Portugueses

Ele [o infante D. Henrique] tinha vontade de conhecer a terra que ia além do cabo Bojador (...) porque considerou que se poderiam trazer muitas mercadorias para estes reinos (...) por curiosidade de se conhecer o poderio dos mouros (...) por querer saber se se achariam em aquelas partes alguns príncipes cristãos que o quisessem ajudar contra os inimigos da Fé (...) e para trazer a Nosso Senhor Jesus Cristo todas as almas que se quisessem salvar.

Gomes Eanes de Zurara, *Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné*, 1453

A (re)descoberta da Madeira

Chama-se ilha da Madeira que quer dizer ilha da lenha, porque quando foi descoberta pelos navios do senhor infante [infante D. Henrique] estava cheia de árvores. É muitíssimo fértil. O dito infante mandou pôr nestas ilhas muitas canas-de-açúcar que deram muito boa prova. Entre as videiras mandou pôr malvasias [tipo de videira] que mandou vir de fora e se deram muito bem.

Luís Cadamosto, *Primeira Navegação*, século XV (adaptado)

A (re)descoberta dos Açores

Viram terras a ocidente, além do cabo Finisterra umas trezentas léguas, que eram ilhas; entraram na primeira desabitada e acharam muitos açores e muitas aves; e foram à segunda que era chamada de ilha de São Miguel, também despovoada e com muitas aves e açores, onde além disto encontraram águas quentes naturais de enxofre. Daí viram outra ilha chamada Terceira, cheia de arvoredo e muitos açores. E descobriram ali perto outra ilha, agora chamada Faial. E imediatamente outra a duas léguas da ilha do Faial, agora chamada ilha do Pico. Os navios voltaram a Portugal, anunciando a notícia ao senhor D. Henrique que se alegrou muito.

Diogo Gomes, *Relação dos Descobrimentos da Guiné e das Ilhas*, século XV (adaptado)

O difícil cabo Bojador

Nunca ninguém tinha ousado passar aquele cabo do Bojador como o infante [D. Henrique] desejava. – Como passaremos? – diziam eles. Depois deste cabo não há gente nem povoação alguma; a terra é arenosa como os desertos onde não há água, nem árvore nem erva verde; e o mar é tão baixo que a uma légua de terra não tem fundo mais do que uma braça. As correntes são tamanhas que navio que lá passe nunca mais poderá voltar (...).

Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da Guiné*, 1453 (adaptado)

A argúcia e o engenho de D. João II

Logo que começa a reinar, D. João II começou a pensar no grande proveito que lucrariam ele e o seu reino, se naquela parte da Mina pudessem ter uma fortaleza onde se fizesse comércio, através do qual se conseguiria muito ouro que ali se vinha resgatar. Assim, determinou fazer, em São Jorge da Mina, uma fortaleza. E como em todo o oceano não havia latinos, senão as caravelas em Portugal, o rei, para que ninguém tentasse ir àquelas partes, fez crer a todos que da Mina não podiam tornar navios redondos por causa das correntes. Para isso, pedra, cal, lenha, madeira, ferramentas e mantimentos, foram mandados em urcas velhas, para lá se desfazerem e disseram que, por causa das grandes correntes, não tinham podido tornar.

Garcia de Resende, *Crónica de El-Rei D. João II*

A chegada a Calecute (1498)

E depois, que assim estivemos ancorados, vieram de terra a nós quatro barcos, os quais vinham saber que gentes éramos e nos disseram e mostraram Calecute.

E ao outro dia, isso mesmo vieram estes barcos aos nossos navios, e o capitão-mor mandou um dos degredados⁽¹⁾ a Calecute; e aqueles que com ele iam levaram-no onde estavam dois mouros de Tunes, que sabiam falar castelhano e genovês.

E perguntaram-lhe o que vínhamos buscar tão longe.

E ele responde:

- Vimos buscar cristãos e especiarias.

Álvaro Velho, *Relação da Primeira Viagem à Índia pela Armada Chefiada por Vasco da Gama*

⁽¹⁾Os navios dos Descobrimentos levavam a bordo condenados a penas pesadas, que eram utilizados para as missões mais perigosas nas viagens para o Oriente.

A chegada à Terra de Vera Cruz (1500)

Pela Páscoa, topámos alguns sinais de terra. E, quarta-feira, vimos terra. Primeiramente dum grande monte, muito alto e redondo; e doutras terras mais baixas ao sul dele e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte mais alto o capitão [Pedro Álvares Cabral] pôs o nome – o Monte Pascoal e à terra – a Terra de Vera Cruz. E dali havemos vista de homens. E um deles trazia um arco e seis ou sete setas. E na praia andavam muitos outros com seus arcos e setas. A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus. Traziam ambos os beiços furados com um osso branco.

E esta terra, Senhor, me parece tamanha. Nela não pudemos saber que haja ouro, nem prata. A terra é boa, com muita água e dar-se-á nela tudo o que se quiser.

Carta de Pêro Vaz de Caminha a D. Manuel I sobre a descoberta do Brasil, 1 de maio de 1500 (adaptado)

A colonização da Madeira

Não muito tempo depois um cavaleiro, familiar e criado do senhor infante, de nome João Gonçalves Zarco, não muito abastado, pediu a capitania daquela ilha ao senhor infante, dizendo que iria para ali com sua mulher e família, e a povoaria. O infante imediatamente para ali mandou navios com vitualhas e animais, homens e mulheres para a povoarem.

Esses começaram a semear trigo e aveia, e era tão fértil o solo que uma medida dava cinquenta e mais, e assim dos outros frutos da terra que semeavam. E tinham ali tanto trigo que os navios de Portugal, que por todos os anos ali iam, quasi por nada o compravam.

Pouco tempo depois um cavaleiro de nome Tristão requereu ao senhor infante que lhe desse outra parte da ilha da Madeira, também ótima terra para povoar, agora chamada Machico.

Diogo Gomes, *A Relação dos Descobrimentos da Guiné e das Ilhas*, século XV (adaptado)

O comércio de Arguim, em meados do século XV

E o dito senhor infante fez desta ilha de Arguim um contrato por dez anos, nos termos seguintes: que ninguém pudesse entrar neste golfo para traficar com os Árabes, salvo aqueles que entram no contrato, os quais têm habitação na dita ilha, e têm feitores, que comprem e vendem aos ditos Árabes, que vêm às marinhas, fazendo mercancia de diversas coisas, como são panos, telas e prata e aliquicés, isto é, túnicas, tapetes e sobretudo trigo, porque estão sempre famintos; e recebem em troca Negros (...); de modo que este sr. Infante faz atualmente edificar um castelo na dita ilha, para conservar este comércio para sempre; e por esta razão todo o ano vão e vêm caravelas de Portugal à dita ilha.

Luís de Cadamosto, *Primeira Navegação*

Os negócios da Casa da Índia

Ali se tratam os negócios da Índia e, por isso, lhe dão o nome de Casa da Índia. Contudo, a mim me parece que se deve chamar o empório dos aromas, pérolas, rubis, esmeraldas e de outras pedras preciosas que, de ano em ano, nos são trazidas da Índia; talvez, com maior verdade, se lhe pudesse chamar o armazém da prata e do ouro, quer em barra quer trabalhada. Ali estão patentes, para quem os quiser admirar, inúmeros compartimentos, distribuídos com ordem e arte, tão chegados com aquelas preciosidades todas que – palavra – mal se poderia acreditar, se os olhos não vissem tais maravilhas e as mãos não lhes tocassem.

Damião de Góis, *Descrição de Lisboa*, 1554

A colonização do Brasil

Lucas Giraldes, donatário, fica obrigado a enviar, nas armadas de 1547 a 1548, até 100 pessoas, armas e munições, a montar engenhos de açúcar, a instalar serrações de madeira, engenhos de algodão e moinhos de pão.⁽¹⁾

A riqueza desta terra é principalmente em açúcares. Há no Brasil, em cento e cinquenta léguas de costa, de Pernambuco até para lá da Baía, perto de 400 engenhos. Aqui os escravos de África são muito procurados porque os do Brasil não são tão fortes mas gente branda e frouxa.⁽²⁾

Nesta aldeia, 130 índios de ambos os sexos foram chamados para o catecismo e 36 para o batismo, os quais são todos os dias instruídos na doutrina, repetindo orações em português e na língua deles. Aprendem todos os ofícios que podem ser úteis neste desterro do mundo.⁽³⁾

⁽¹⁾Texto in Virgínia Rau, *Estudos de História*

⁽²⁾Francisco P. Laval, *Diário de Viagem* (século XVII)

⁽³⁾Texto do padre José de Anchieta (século XVI), cit. in António Baião e outros, *História da Expansão Portuguesa no Mundo*

Os Portugueses na Guiné

(...) Vieram os naturais da terra nas suas embarcações e trouxeram-nos as suas mercadorias, a saber (...) dentes de elefante e uma porção de malagueta em grão (...). No outro dia vimos gentes (...) e chegámos até próximo e fizemos paz com eles (...) E aí recebi um certa quantidade de ouro, em troca das nossas mercadorias: panos, pulseiras de cobre, sal.

Diogo Gomes, *Relação dos Descobrimentos da Guiné e das Ilhas*, século XV (adaptado)

Os Portugueses no Congo

Os Portugueses foram levados ante el-rei (do Congo), que os estava esperando em um grande terreiro dos seus paços, tão coberto de povo que com grande trabalho a gente dos capitães podia fazer lugar para que os nossos chegassem a el-rei. Este estava assentado em uma cadeira de marfim e vestia um pano de damasco, que lhe dera Diogo Cão, e na cabeça um barrete alto feito de pano de algodão.

João de Barros, *Décadas da Ásia* (adaptado)

Os Portugueses em Goa

Há cerca de cem anos que os Portugueses conquistaram esta cidade de Goa e muitas vezes me espantei de como, em tão poucos anos, os Portugueses têm podido levantar tantos e tão soberbos edifícios de igrejas, palácios, fortalezas e outros, fabricados à maneira da Europa; (...) bem como o poder que aí têm adquirido, pois tudo ali está organizado como se fora na própria Lisboa.

Esta cidade é a metrópole de todo o Estado dos Portugueses na Índia que lhes dá tanto poder, riquezas e celebridade. Tem nela o vice-rei a sua residência e é tratado com uma corte como se fora o próprio rei. (...) Quanto à multidão de povo é maravilhoso o grande número de gente que aí vai e vem todos os dias por mar e por terra a tratar de todos os tipos de negócios (...).

Francisco P. Laval, *Diário de Viagem*, século XVII (adaptado)

Os Portugueses no Japão

Estes homens, bárbaros do Sudoeste, são comerciantes (...). Não sei se existem entre eles regras de etiqueta: bebem um copo sem o oferecerem aos outros; comem com os dedos e não com pauzinhos como nós; mostram os seus sentimentos sem nenhuma vergonha. Não compreendem o significado da nossa escrita (...). Mas, no fundo, são gente que não faz mal.

Nampo Bunshi, *Crónica Japonesa*, 1606 (adaptado)

A vida a bordo dos barcos da Carreira da Índia



Esquadra portuguesa no Índico.

Todos os anos, entre a segunda quinzena de março e a segunda quinzena de abril, partia uma armada para a Índia. Esta era a melhor altura para fazer a viagem pois, então, os ventos do Atlântico e a monção do Índico estavam de feição.

Cada nau tinha uma tripulação à volta de 130 pessoas, a que se juntavam cerca de 250 soldados, que iam prestar serviço no Oriente, para além de passageiros, homens, mulheres (poucas) e crianças. Algumas naus chegavam a levar 800 pessoas.

O capitão de cada nau era um nobre que, grande parte das vezes, pouco sabia das coisas do mar. Competia-lhe tomar decisões em momentos oportunos.

Os problemas náuticos estavam a cargo do piloto; o mestre e o contramestre mandavam executar as manobras aos marinheiros.

Muito dos que partiam inscreviam-se na Casa da Índia, outros eram recrutados à força. Os tripulantes eram pagos com soldo, mas tinham direito a certo espaço na nau para transportar mercadorias que, depois, podiam vender livremente.

A armada da Índia rumava à Madeira, seguia para Cabo Verde e depois em direção à costa brasileira, desviando-se em seguida para o sul de África. Dia a dia, tinham lugar as operações rotineiras – subia-se aos mastros, maneava-se o leme, faziam-se quartos de vigia. Por falta de vento, os barcos, por vezes, paravam. Era preciso esperar.

As refeições eram feitas num fogão localizado na primeira coberta – uma caixa da madeira com areia. Nela colocavam-se as panelas, às vezes quase uma centena.

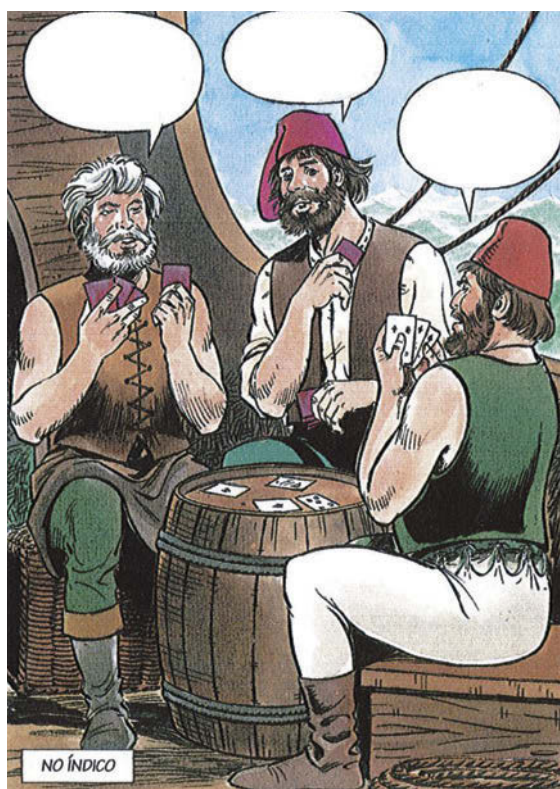
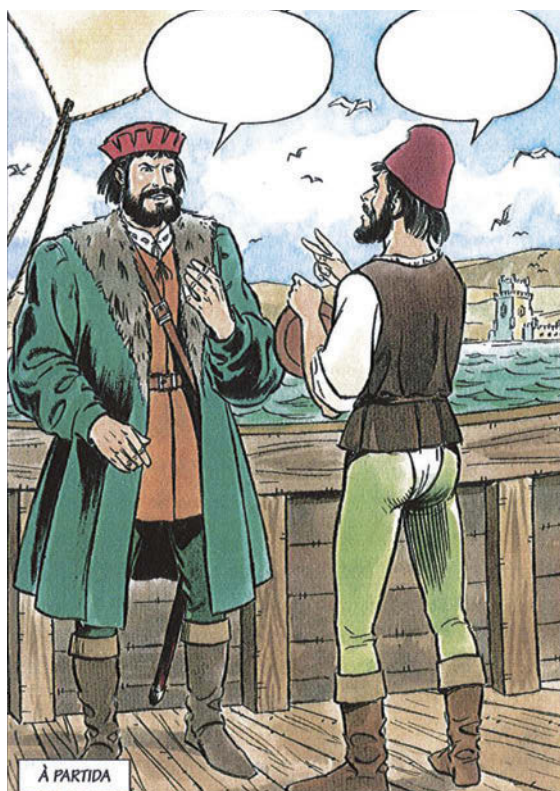
As naus levavam biscoito, carne salgada, azeite, cebolas, peixe, água, vinho, animais vivos (galinhas, porcos, cabras). Nas escalas, quando era possível, faziam-se aguadas.

As mudanças de temperatura – calor no equador, frio no sul de África – provocavam doenças pulmonares; a falta de frutos e de vegetais causava o escorbuto. O barbeiro, que era ao mesmo tempo o cirurgião, via os dentes. O capelão ocupava-se dos moribundos. Os que morriam, por vezes em elevado número, eram lançados ao mar. As dificuldades aumentavam com as intempéries, o racionamento de géneros e as más condições higiénicas a bordo.

Nos dias passados no mar, os passageiros procuravam divertir-se com representações teatrais feitas por atores de ocasião, com simulacros de touradas e com jogos de cartas, em regra proibidos. As cerimónias religiosas, entre as quais as procissões, eram também frequentes.

Ao fim de cinco a sete meses, chegava-se finalmente à Índia. No regresso, esperava-os outros tantos trabalhos.

Tarefa - Preenche, a partir do texto, os balões das quatro pranchas de banda desenhada.



Promessas de Filipe II nas Cortes de Tomar (1581)

Sua Majestade fará juramento de manter todos os direitos, usos, costumes, privilégios e liberdades concedidos ao reino de Portugal (...). Que havendo de se pôr neste reino vice-rei ou outra pessoa que o haja de governar, seja Português. Que todos os cargos superiores e inferiores, assim da justiça como da fazenda e do governo dos lugares, sejam para Portugueses e não para estrangeiros. Que os negócios da Índia e da Guiné e de outras partes pertencentes ao reino de Portugal não se tirem dele nem haja qualquer mudança. Que o ouro e a prata que se cunharem em moeda neste reino se cunhem apenas com as armas de Portugal.

Lopes Praça, *Coleção de Leis e Subsídios*

D. António Prior do Crato, aclamado rei, pelo povo, em Santarém (1580)

Logo que Filipe II recebeu a notícia da morte de el-rei D. Henrique, juntou um exército composto de 18 000 homens de infantaria e 1500 de cavalaria. Entretanto, o Prior do Crato seguiu outro caminho. Dispôs em Santarém dos ânimos dos que o acompanhavam, os quais o aclamaram rei com poucas cerimónias e menos prudência.

Com esse título passou D. António a Lisboa e logo se preparou para defender a cidade com maior confiança que força, porque não pôde juntar mais que 4000 homens.

D. Luís de Menezes, *História de Portugal Restaurado*, 1643-1656 (adaptado)

Corsários ingleses atacam a Península Ibérica

Chegaram notícias de Cádiz (em 1587) relatando como o pirata inglês Francis Drake fez um desembarque-surpresa com 48 navios. Pilhou e desarmou 14 navios carregados de todos os tipos de mercadorias que se encontravam na baía. Em seguida, mandou queimar ou afundar todos os navios que não podia levar. A 15 de maio aproximou-se de Lagos, onde desembarcou com perto de 2000 homens. A população refugiou-se a toda a pressa na fortaleza e o governador fez uma surtida com 300 cavaleiros. Drake retirou-se então lentamente. No dia seguinte, desembarcou com alguns homens e tomou, depois de dois assaltos, a fortaleza de Sagres. Pôs fogo à fortaleza, ao mosteiro, aos altares e às imagens da igreja. Queimou e arrasou dois castelos das redondezas e depois levou para os navios todos os canhões, armaduras e armas, assim como toda a madeira que aí encontrou.

Cartas dos correspondentes dos Fugger, século XVI

Os males da dominação filipina

Pôs-nos mal Castela com todas as nações, com que se diminuiu no trato (comércio). As rendas das alfândegas faltaram, as mercadorias encareceram. Os estrangeiros, não podendo vir aos nossos portos buscar as nossas especiarias, iam buscá-las a nossas conquistas (territórios), expulsando-nos delas, porque não tínhamos forças para lhes resistir. Diminuíram-se as naus da Índia. As nossas fortalezas andavam tão mal defendidas que as tomavam os inimigos, como se viu na Baía, Pernambuco, Mina, Ormuz.

E jurando Castela de nos guardar todos os privilégios antigos, nos pôs novos e intoleráveis impostos. Os juizes castelhanos julgavam e sentenciavam os Portugueses que se achavam em Castela, e eles tinham em Portugal juizes castelhanos. Puseram-nos por vice-rei a duquesa de Mântua, estrangeira. E puseram-lhe conselheiros castelhanos que não tinham pena de nós.

Padre Manuel da Costa, *Arte de Furtar*, 1652 (adaptado)

Nas vésperas da Restauração

Os conspiradores estavam resolvidos a iniciar a revolta nos meses de agosto ou setembro de 1640 e a restituir o reino, que Castela usurpara, à Casa de Bragança, para impedir as novas medidas que, segundo se dizia, estavam preparadas. E se Deus Nosso Senhor não nos acudisse, hoje estariam executadas. Essas medidas eram: unir as duas Coroas; nomear ministros castelhanos para o governo de Portugal; aumentar as prisões; retirar privilégios; recrutar os homens aptos para as guerras de Castela; introduzir o papel selado e outros muitos impostos.

Padre Nicolau da Maia, *Extrato da Relação de tudo o que se passou na feliz aclamação de El-Rei Dom João IV*, 1641 (adaptado)

Revolução de 1 de dezembro de 1640

O dia 1 de dezembro amanheceu alegre. Tinham combinado os conspiradores juntar-se às nove horas da manhã, no Terreiro do Paço. Meia hora antes já todos ocupavam os seus postos. Chegavam tão tranquilos que perguntando uns dos da sua companhia a João Pinto Ribeiro "Onde iam?" respondeu-lhe sorrindo: "Não se altere. Chegamos ali abaixo à sala real e é um instante enquanto tiramos um rei e pomos outro."

Bateram, finalmente, às 9 horas. De súbito abrem-se as portinholas dos coches; saltam por elas os fidalgos e sobem as escadas do paço. Muitos nobres e populares aguardam impacientes que um tiro de pistola, disparado do palácio, lhe dê sinal de travarem também a luta. Os conspiradores, entretanto, investem na sala da guarda, apanhando os soldados atónitos. D. Miguel de Almeida, assomando-se às varandas do palácio, bradou com voz sufocada de comoção: "Liberdade, Portugueses! Viva El-Rei D. João IV! O Duque de Bragança é o nosso legítimo rei!"

Da praça, onde a multidão se agitava em ondas, respondeu-lhe um trovão de vozes.

Chegaram finalmente os conspiradores à porta dos aposentos de Miguel de Vasconcelos. Bateram os fidalgos e, vendo que a porta não se abria, começaram a despedaçá-la com machados. Miguel de Vasconcelos, sentindo a morte próxima, escondeu-se dentro de um armário de papéis. Descoberto, no mesmo instante atravessaram-no com as espadas. Uns criados, mal o viram caído no chão, segurando nos braços do corpo, arremessaram-no por uma janela. Era o infeliz tão detestado que ninguém se comoveu.

Rebello da Silva, *História de Portugal nos Séculos XVII e XVIII*

Instrução de D. João IV aos embaixadores portugueses

A nobreza e o povo reconheceram o direito e a justiça que eu tinha à Coroa, como neto legítimo e herdeiro da sereníssima Senhora D. Catarina, minha avó, imediatamente sucessora e herdeira do senhor Rei D. Henrique, meu tio, que faleceu sem deixar sucessão, à qual El-rei D. Filipe II de Castela violentamente e por força de armas usurpou este reino.

Estes meus vassallos sofreram tiranias e injustiças dos ditos reis intrusos e seus ministros castelhanos: não lhes guardando suas leis e privilégios, gastando e consumindo o património da Coroa e as fazendas dos particulares para as despesas supérfluas e guerras escusadas, quebrando os tratados de amizade e comércio que os Reis meus predecessores sempre tiveram com os Príncipes e nações da Europa.

Carta com instruções do rei D. João IV aos embaixadores, 1641 (adaptado)

A Restauração da Independência (1640)



A duquesa de Mântua era prima de Filipe III, que a colocou em Portugal, em 1634 como vice-rainha. No dia 1 de dezembro de 1640, os conspiradores trataram-na com cortesia, mas exigiram que assinasse as ordens que proibiam qualquer resistência das guarnições espanholas aquarteladas em Lisboa. Este facto foi decisivo para o triunfo da revolução.

Duquesa de Mântua Que é isto nobres cavaleiros?

D. Antão de Almada Procuramos Vossa Alteza.

Duquesa de Mântua Assim?! Arrombando as minhas portas?!

D. Antão de Almada As portas deste Paço, que é dos nossos reis, nunca nossos pais quiseram entrá-las a pedir justiça, que lhes não fossem abertas de par em par. Chegámos a elas, e achámo-las fechadas; batemos a elas, e achámo-las mudas.

Duquesa de Mântua Basta! Não passeis adiante, que faltais à fidelidade. Ofereço-vos o perdão de Sua Majestade, contanto que tudo se aquiete, guardando a devida fé ao vosso rei.

D. Antão de Almada Desculpai-me Vossa Alteza a temeridade de interrogá-la: Que rei?

Duquesa de Mântua Aqui não pode haver senão um rei; e essa pergunta ofende a majestade do meu e vosso senhor, Dom Filipe...

D. Antão de Almada Engana-se Vossa Alteza: esse rei é de Castela, não é de Portugal!

Desenganada, por este modo, a duquesa, de que nada conseguiria dos fidalgos, quis recorrer ao último expediente, apresentando-se ao povo; e para isso encaminhava-se à varanda...

D. Carlos de Noronha (saindo-lhe ao encontro) – Vossa Alteza permite-me uma observação?

Duquesa de Mântua Algum novo ultraje?

D. Carlos de Noronha Não, minha senhora duquesa. Só cuidados, justos cuidados... Vossa Alteza dirige-se às varandas? Não seria prudente. Eu, no caso de Vossa Alteza, recolhia-me...

Duquesa de Mântua Quereis dizer que mo impedireis?!

D. Carlos de Noronha Não o quero dizer: estou-o dizendo.

Duquesa de Mântua A uma dama?!

D. Carlos de Noronha Com muita mágoa.

Duquesa de Mântua Veremos se me impedireis!

D. Carlos de Noronha Não queira Vossa Alteza ver, nem se exponha...

Duquesa de Mântua A quê?

D. Carlos de Noronha ... a faltarem-lhe ao respeito!

Duquesa de Mântua Faltarem-me ao respeito?! A mim?! E como?

D. Carlos de Noronha Obrigando Vossa Alteza a sair por aquela janela, se não quiser entrar por esta porta!

Mendes Leal, *Os Dois Renegados*, 1839

3

○ Rumos do Património

B1, p. 66

B2, p. 70

B3, p. 75

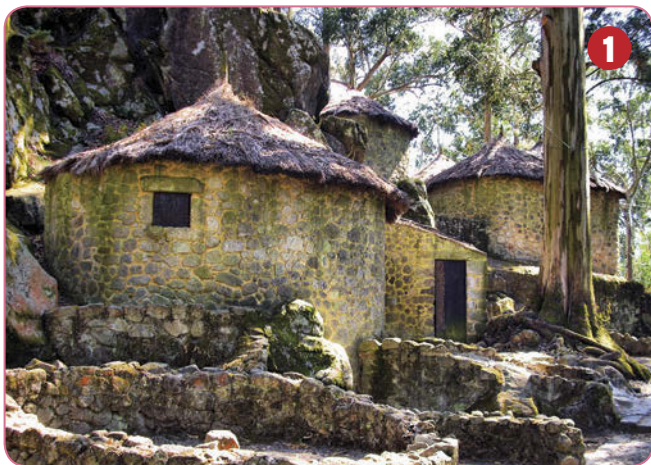
B4, p. 79

C1, p. 83

C2, p. 87

○ **C3, p. 92**





Castro de São Lourenço

Situa-se em Vila Chã, Esposende

- Povoado fortificado, constituído por cinco casas reconstruídas datadas de cerca do século II a. C.
- Dá acesso, através de um trilho a pé, aos dólmenes da Portelagem, do Rápido e da Cruzinha.



Citânia de Briteiros

Situa-se em São Salvador de Briteiros, Guimarães

- Povoado castrejo de grande dimensão e bem conservado, com casas redondas, de pedra solta, arruamentos, edifícios de banhos e uma casa circular com bancos de pedra à volta, onde se reuniam as pessoas influentes locais.
- Sistema defensivo formado por três linhas de muralhas.



Citânia de Sanfins

Situa-se na rua da Citânia, Sanfins de Ferreira, Paços de Ferreira

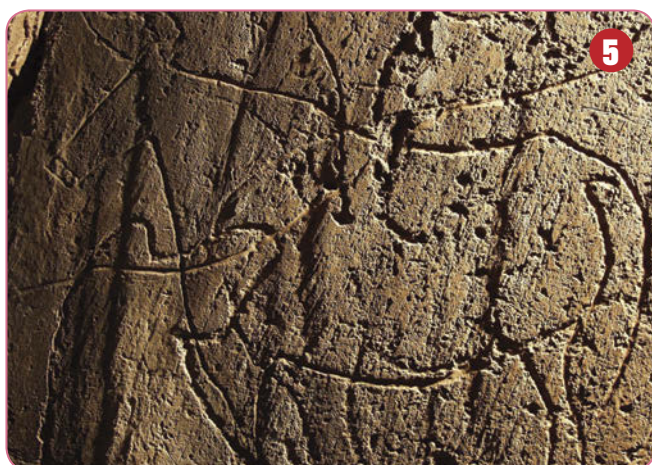
- Grande povoação castreja que, entre os séculos II e I a. C., chegou a ter cerca de três mil habitantes.
- O seu sistema de defesa é constituído por três linhas de muralhas.



Conjunto Megalítico da Serra da Aboboreira

Situa-se nos concelhos de Amarante, Baião e Marco de Canaveses

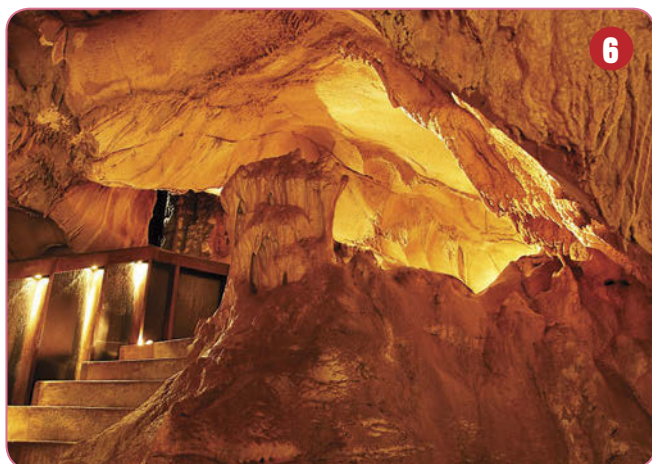
- Entre vários dólmene, destaca-se a Anta da Chã de Parada, datada da primeira metade do III milénio a. C.
- Grande parte dos achados nas escavações arqueológicas encontram-se no Museu Municipal de Baião.



Parque Arqueológico do Vale do Coa

Situa-se em Vila Nova de Foz Coa

- O mais importante conjunto de gravuras (cerca de cinco mil), do Paleolítico e da Idade do Ferro, ao ar livre, encontrado até aos nossos dias.
- As gravuras rupestres representam animais, como bóvidos (auroques), cavalos, cabras, que se distribuem por três locais fundamentais: Canada do Inferno, Penascosa e Ribeira de Piscos.



Gruta do Escoural

Situa-se em Montemor-o-Novo

- Caverna com gravuras e pinturas rupestres que datam entre 35 000 e 8000 a. C.
- Serviu como abrigo de caça de comunidades de caçadores-recoletores e, mais tarde, como necrópole.



Sítio Megalítico de Alcalar

Situa-se em Mexilhoeira Grande, Portimão

- Grande aldeia pré-histórica (3º milénio a. C), com restos de muros, casas e túmulos megalíticos.
- A mais impressionante das sepulturas é a que está identificada como monumento número sete.
- Vários achados desta necrópole encontram-se no Museu de Portimão.



Museu de Arqueologia D. Diogo Sousa

Rua dos Bombeiros Voluntários, 4700-025, Braga

Tel.: 253 273 706/253 615 844

mdds.imc-ip.pt

mdds@ipmuseus.pt

Importante coleção de peças arqueológicas, em particular da região de Braga – marcos miliários, moedas romanas, para além de diversas peças da Pré-História. Merece destaque, entre outros espaços expositivos, o “Bracara Augusta – vias, morte e religião” (sala 4).



Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins

Sanfins de Ferreira, Casa da Igreja

Tel.: 255 862 029

geral@citaniadesanfins.com

www.citaniadesanfins.com

O Museu Arqueológico de Sanfins (localizado no Solar dos Brandões) é constituído por fragmentos de cerâmica, fragmentos de vidro, mós manuais rotativas, moedas, utensílios metálicos e peças de joalheria em ouro e prata. Pode-se, ainda, ver duas aras e uma notável escultura de um guerreiro castrejo.





Ruínas de Tongóbriga

Situa-se na freguesia do Freixo, Marco de Canaveses

- Cidade romana, edificada entre finais do século I/inícios do século II.
- A descoberto, encontram-se vestígios do fórum, balneário, bairro residencial e necrópoles.



Ponte de Trajano

Situa-se em Chaves

- Construída na passagem do século I para o século II.
- Apresenta duas grandes colunas dedicadas a imperadores romanos – uma a Trajano e outra a Augusto.



Ruínas de Conímbriga

Situam-se em Condeixa-a-Velha

- A mais bem conservada cidade romana em Portugal.
- Apenas a décima parte da antiga cidade se encontra a descoberto, com destaque para fóruns, termas, *domus* (entre as quais a Casa dos Repuxos)



Villa Romana do Rabaçal

Situa-se em Penela

- Espaço arqueológico constituído pelos vestígios da *villa* (residência senhorial, casas de lavoura, balneário, etc.) e por um museu (sala de exposições dos achados, sala de documentação e tratamento de materiais).



5

Ponte de Vila Formosa

Situa-se na freguesia de Seda, Alter do Chão

- Fazia parte da estrada romana que ligava Emerita Augusta (Mérida) a Olisipo (Lisboa).
- Tem cerca de 116 metros de comprimento e seis arcos de abóbada perfeita.



6

Templo de Évora

Situa-se no Largo do Conde de Vila Flor, em Évora

- Famoso monumento, erradamente conhecido por "Templo de Diana".
- Edifício religioso pagão, construído no século I, provavelmente dedicado ao imperador romano Augusto, venerado como um deus.



7

Villa de Milreu

Situa-se em Estói, Faro

- Principal núcleo de ruínas romanas do Algarve.
- Habitada entre os finais do século I e X, os vestígios da ocupação romana são particularmente significativos nos mosaicos, colunas, termas e lagares.



8

Cidade de Ammaia

Situa-se na freguesia de São Salvador da Aramenha, Marvão

- Fundado, provavelmente, no tempo do imperador Augusto.
- Só uma pequena área desta antiga cidade romana foi objeto de escavação.
- É possível identificar estruturas de casas, da praça pública, de uma das portas da cidade, de bancadas de um recinto público, muralhas.



Ruínas de Miróbriga

Situa-se em Santiago do Cacém

- Antiga cidade romana, em que se destaca um fórum, dois templos, termas e um hipódromo.
- O hipódromo é um exemplo único em território nacional. Aí decorriam corridas de carros de duas rodas puxados por cavalos.



Ruínas de Tróia

Situa-se na península de Tróia

- Importante centro romano de conserva de peixe.
- Nos 160 tanques, até agora descobertos, produzia-se o *garum*, um molho feito com peixe macerado com tripas, colocado nos tanques com sal, às camadas, até o peixe se liquefazer. Este condimento era exportado para todo o mundo romano.



Villa de São Cucufate

Situa-se na Vidigueira

- Construída no século I e reconstruída nos séculos II e IV, apresenta uma fachada de grandes dimensões com torreões.
- É considerada a mais monumental das *villas* conhecidas em território português, com salas abobadadas que devem ter servido como celeiros, adegas e variado tipo de alojamentos.



Ruínas do Cerro da Vila

Situa-se em Vilamoura

- Trata-se, provavelmente, de uma *villa* grande e rica, com tanques onde se salgava o peixe e se fazia o *garum*, balneários públicos, termas e, até, um porto marítimo.



Museu Monográfico de Conímbriga

Condeixa-a-Velha

Tel.: 239 941 177

mmconimbriga@ipmuseus.pt

www.conimbriga.pt

O Museu Monográfico de Conímbriga tutela as ruínas da cidade romana e é exclusivamente dedicado ao sítio arqueológico em que está inserido.

A sua exposição permanente apresenta objetos de uso quotidiano, evoca o fórum, a riqueza das *domus*, para além de uma grande coleção de mosaicos.



Museu da Cidade Romana de Ammaia

S. Salvador da Aramenha, Marvão

Quinta do Deão, Estrada da Calçadinha, n.º 4

Telefone: 245 919 089

ammaia@ammaia.pt

www.ammaia.pt

No museu, encontra-se exposta uma parte do espólio recolhido nos trabalhos de escavação arqueológica realizados na área da cidade de Ammaia. A exposição permanente abrange diversos temas: Epigrafia, Atividades Económicas, Arquitetura, entre outros.



Museu de Lisboa Núcleo: Teatro Romano

Rua de São Mamede, n.º 3 A, Lisboa

Tel.: 21 882 0320

museudelisboa@cm-lisboa.pt

O Teatro Romano foi construído, possivelmente, na época do imperador Augusto. Foi descoberto em 1798, mas só na segunda metade do século XX foi objeto de escavações.

O Museu do Teatro Romano apresenta no seu percurso uma área de exposição, um campo arqueológico e as ruínas do teatro.





Castelo dos Mouros, Sintra

Situa-se na Estrada da Pena, Sintra

- Erguido nos séculos VIII e IX, as suas muralhas alongam-se sobre o cume da serra.
- No interior das muralhas, há uma antiga cisterna moura, para além das ruínas das casas do bairro medieval islâmico e de túmulos.
- Há um centro de interpretação na antiga igreja de São Pedro de Penaferirim.



Castelo Velho de Alcoutim

Situa-se em Alcoutim

- Construção militar mourisca.
- Edificado entre os séculos VIII e IX, foi abandonado no século XI.
- Muralhas de largura considerável (cerca de dois metros), com uma área habitacional e uma cisterna no interior.
- Vale a pena ver uma exposição de jogos islâmicos no antigo paiol do castelo.



Castelo de Silves

Situa-se na rua do Castelo, em Silves

- Este magnífico castelo foi edificado pelos muçulmanos entre os séculos VIII e XIII.
- Tem a forma de um polígono irregular, com uma porta principal ladeada por duas torres defensivas e três torreões.
- É uma das principais fortalezas de origem islâmica em Portugal.



Castelo Islâmico de Salir

Situa-se no Largo Pedro Dias, Salir, Loulé

- Construído, provavelmente, no século XII.
- Atualmente, restam pequenas partes da muralha.
- Junto às ruínas, fica o Polo Museológico de Salir, pequeno mas interessante.



Castelo de Mértola

Situa-se no Largo da Igreja, Mértola

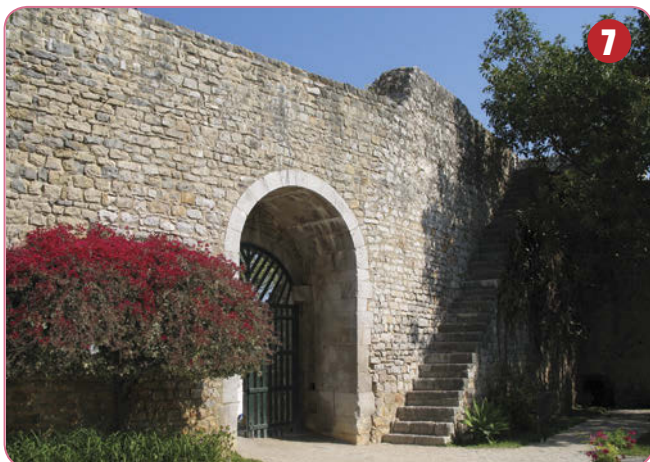
- Data do século IX, tendo sido remodelado nos séculos seguintes.
- Na alcáçova (zona mais protegida, quer servia de residência às autoridades da povoação) fica o núcleo islâmico. Aí pode ver-se uma réplica de uma casa muçulmana, com latrina, cozinha, pátio, salão, despensa e quarto.
- No Núcleo Islâmico podemos, ainda ver, uma das melhores coleções portuguesas de arte muçulmana.



Igreja Matriz de Mértola

Situa-se na rua da Igreja, Mértola

- Construída na segunda metade do século XII.
- Era a mesquita maior de Mértola, tendo sido convertida em igreja após a Reconquista Cristã.
- Na zona do altar, há vestígios de um mihrab muçulmano, isto é, o nicho que aponta a direção da cidade de Meca.
- Dentro da igreja, há portas com arco em ferradura.



Castelo de Tavira

Situa-se no Largo Abu-Otmane, Tavira

- Construído na primeira metade do século XII, foi tomado em 1239 pelas forças militares de D. Paio Peres Correia, mestre da Ordem de Santiago.
- As obras de reforço das defesas do castelo e a construção da Torre de Menagem datam, já, do tempo de D. Dinis.
- Perto, fica o núcleo museológico islâmico da antiga At-Tabira.



Museu de Mértola Núcleo Museológico Arte Islâmica

Rua António José de Almeida, n.º 2, Mértola
Tel.: 286 612 443
museus@cm-mertola.pt

Abriga, ao longo de dois pisos, a mais importante coleção de arte islâmica do nosso país. O destaque vai para o espólio cerâmico e um conjunto de artefactos decorados com vidrado em "corda seca".



Museu Municipal de Tavira

Praça da República, Tavira
Tel.: 281 320 568
museu@cm-tavira.pt

Está estruturado em várias unidades, em que se destaca o Núcleo Museológico Islâmico. Este é constituído por diverso espólio arqueológico, com realce para o Vaso de Tavira (*ex-libris* do museu), um capitel, pias de abluções e uma muralha islâmica em taipa. O museu apresenta ainda uma coleção de objetos utilitários em vidro da época romana.



Museu Municipal de Arqueologia de Silves

Rua da Porta de Loulé, Silves
Tel.: 282 444 832/14
museu.municipal@cm-silves.pt
<http://www.cm-silves.pt>

O Museu Municipal de Arqueologia de Silves foi construído em torno do poço-cisterna almóada dos séculos XII-XIII. O acervo do Museu, proveniente das escavações decorridas no concelho, reúne um conjunto de peças da época medieval, em particular dos séculos VIII a XIII. Integra, também, a antiga muralha da cidade.





Castelo de Guimarães

Situa-se na rua Conde D. Henrique, Guimarães

- Erguido primitivamente, em meados do século X, a sua fundadora foi Mumadona Dias, bisneta de Vímara Peres, o conquistador do Porto.
- Construído para defender a região das investidas vikings e dos mouros.
- Apelidado de "Berço da Nacionalidade", foi, segundo a tradição, o local de nascimento de D. Afonso Henriques (ou Viseu ou Coimbra, segundo outros).



Mosteiro de Paço de Sousa

Situa-se no Largo do Mosteiro, em Paço de Sousa, Penafiel

- Fundado no ano de 960, sofreu alterações nos séculos XI e XIII.
- Realce, na igreja, do portal de cinco arquivoltas assentes em dez colunas de capitéis esculpidos.
- Aqui está sepultado Egas Moniz (afamado aio de D. Afonso Henriques).



ALDEIAS HISTÓRICAS DA ÉPOCA DA FUNDAÇÃO DA NACIONALIDADE

- Criadas em terras fronteiriças, em locais de lutas frequentes entre cristãos e muçulmanos, datam, em regra, dos séculos XI e XII.
- Entre essas aldeias medievais, destacam-se as de Castelo Bom e Castelo Mendo (em Almeida), Linhares da Beira (Celorico da Beira), Castelo Novo (Fundão), Sortelha (Sabugal), e Monsanto (Idanha-a-Nova) e, na imagem, Marialva (Mêda).



Sé Velha de Coimbra

Situa-se no Largo da Sé Velha, Coimbra

- Construída no século XII, por iniciativa de D. Afonso Henriques, quando Coimbra era a sede principal do reino.
- Tem aspeto de fortaleza, com ameias e merlões, pois situava-se, então, na região de fronteira entre as terras cristãs e muçulmanas.
- Uma das mais antigas sés do país, sendo mesmo a única catedral românica da época da Reconquista que se manteve, mais ou menos, intacta até à atualidade.



Castelo de Leiria

Situa-se no Largo de São Pedro, Leiria

- Mandado construir por D. Afonso Henriques para defender a fronteira sul dos ataques mouros, numa época em que Lisboa era, ainda, cidade muçulmana.
- A grande galeria de arcadas ogivais (que é a sua imagem de marca) foi mandada erguer por D. Dinis, cerca de 1300.



Igreja de São Pedro de Lourosa

Situa-se em Lourosa, Oliveira do Hospital

- Datada do século X, é uma das mais antigas igrejas de Portugal, representando um importante testemunho da arquitetura moçárabe.
- O interior tem três naves, separadas por arcaria de arcos de ferradura.



Castelo de Santa Maria da Feira

Situa-se na Alameda Roberto Vaz de Oliveira, Santa Maria da Feira

- Um dos mais importantes exemplares de arquitetura militar medieval em Portugal.
- Fortaleza do século XI, era, juntamente com o castelo de Guimarães, um dos principais centros administrativos e militares do Condado Portucalense, entregue por Afonso VI, rei de Leão e Castela, ao conde D. Henrique.
- Foi ampliado no século XV e reconstruído no século XX.



Castelo Templário de Tomar

Situa-se na freguesia de São João Batista, em Tomar

- Construção iniciada em 1160, em terras cedidas pela Coroa à Ordem dos Templários.
- Fazia parte da linha do Tejo (com os castelos de Almourol, Zêzere, entre outros), para defesa e proteção das terras cristãs face às investidas muçulmanas.
- Edificado segundo a mais avançada arquitetura militar da época – torres rodeadas por muralhas exteriores (duas cintas de muralhas e torres redondas).



Museu do Castelo de São Jorge

Rua de Santa Cruz do Castelo, Lisboa

Tel.: 218 800 620

info@castelodesaojorge.pt

O museu está instalado na área do antigo paço real medieval (o Paço Real de Alcáçova). Apresenta uma série de objetos encontrados na área arqueológica (o Sítio Arqueológico), em particular dos séculos XI e XII. É de registar que o Sítio Arqueológico abrange vestígios de várias épocas da história de Lisboa, com realce para a da construção do castelo, em meados do século XI.





1

Centro Histórico de Braga

- Da cidade medieval, destaca-se a Torre de Menagem, junto à porta do Souto (uma das mais importantes ligações da cidade), o Arco da Porta Nova, a Torre de Santiago (por onde entravam as pessoas vindas do Porto), a Sé Catedral, o Paço dos Arcebispos e a Praça Velha.



2

Centro Histórico de Guimarães

- O núcleo central da cidade é considerado Património da Humanidade pela UNESCO.
- Para além do Castelo, símbolo do “berço da nacionalidade”, o ambiente medieval da cidade passa pela Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, Paço dos Duques de Bragança e, claro, pelas praças da Oliveira e do Toural e ruas envolventes.



3

Centro Histórico do Porto

- Está classificado Património da Humanidade pela UNESCO.
- O Porto medieval estende-se pelos arruamentos que correm as colinas da Sé e da Vitória, com destaque para a Sé/Catedral, as Muralhas Fernandinas, a Ribeira e a Casa do Infante D. Henrique (onde funcionou a antiga Alfândega medieval e onde hoje está instalado o Arquivo Histórico Municipal).



4

Mosteiro de Leça do Balio

Situa-se na rua de Santos Lessa, Matosinhos

- Igreja fortificada, cuja construção se iniciou cerca de 1330.
- Foi provavelmente a primeira sede da Ordem dos Hospitalários em Portugal.
- Destaque para a igreja e a sua torre ameada.
- Aqui casou o rei D. Fernando com Leonor Teles, em 1372.



Igreja de São Pedro de Rates

Situa-se em Rates, Póvoa de Varzim

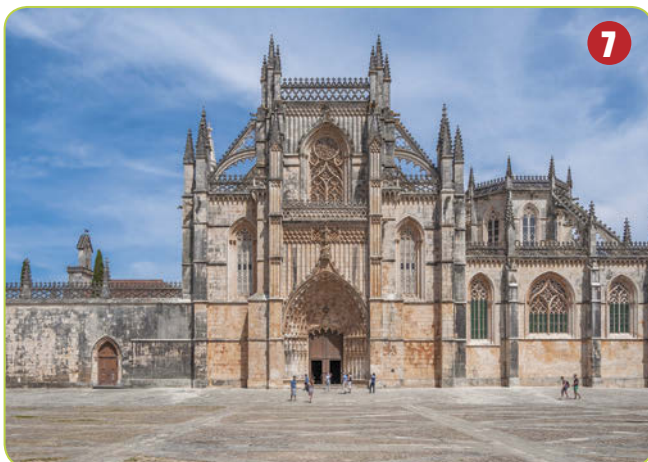
- Importante monumento românico, construído nos séculos XII e XIII.
- Destaque para os portais, em particular o que apresenta graciosas estátuas de santos e animais míticos, entre outros motivos; o portal principal é sobrepujado por uma rosácea.



Mosteiro de Alcobaça

Situa-se na Praça 25 de Abril, em Alcobaça

- Primeiro templo inteiramente gótico construído em Portugal.
- Um dos mais importantes mosteiros da Ordem de Cister, iniciado nos finais do século XII (contudo, a sua fachada sofreu várias obras no século XVIII).
- Na igreja, situam-se os famosos túmulos de Inês de Castro e D. Pedro I.



Mosteiro da Batalha

Situa-se no Largo do Infante D. Henrique, Batalha

- Um dos mais famosos edifícios históricos de Portugal, sendo uma das mais belas obras de arte gótica portuguesa.
- Mandado construir por D. João I para comemorar a vitória na batalha de Aljubarrota (as obras prolongaram-se até inícios do século XVI).



Mosteiro de Santa Clara-a-Velha

Situa-se na freguesia de Santa Clara, Coimbra

- Fundado em finais do século XIII e depois encerrado, foi construído sob o patrocínio da Rainha Santa Isabel, mulher de D. Dinis.
- Igreja gótica, sem transepto (originalidade), tinha um dos maiores claustros do país.
- Situado na margem esquerda do rio Mondego, tem sofrido sucessivas inundações ao longo do tempo.



Núcleo de Arte Gótica em Santarém

- Entre os edifícios religiosos, destacam-se as igrejas do convento de São Francisco, na imagem (o mais antigo testemunho), de Santa Clara (o maior templo gótico da cidade), de Santo Estevão ou do Santíssimo Milagre (o mais primoroso), de Almoester e a igreja da Graça (o mais representativo monumento gótico de Santarém, onde se encontra o túmulo de Pedro Álvares Cabral, o descobridor do Brasil).
- Na arquitetura gótica civil, o destaque vai para a Fonte das Figueiras ou Fonte Mourisca.



Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota

Av. D. Nuno Álvares Pereira, Batalha

Tel.: 244 480 060

servico.educativo@fundacao-aljubarrota.pt

O Centro de Interpretação tem o enfoque no campo da batalha de Aljubarrota e nos seus principais espaços – a localização do exército anglo-português e do exército franco-castelhano; o local onde se posicionou Nuno Álvares Pereira, D. João I, os arqueiros ingleses e a “Ala dos Namorados”; a posição dos trons (bombardas) utilizados pelo exército castelhano, etc.





1

Sé da Guarda

Situa-se na Praça Luís de Camões, Guarda

- Mandada construir por D. João I, só ficou concluída no século XVI, no tempo de D. João III.
- Edifício de estrutura gótica com elementos decorativos manuelinos.
- O exterior é de aspeto fortificado.



2

Igreja Matriz de Vila do Conde

Situa-se na rua da Igreja, Vila do Conde

- Um dos monumentos mais significativos da arte manuelina, apresentando elementos da arquitetura gótica e renascentista.
- Construção financiada por D. Manuel I e pela comunidade de mareantes de Vila do Conde.
- Iniciada nos finais do século XV, as obras de embelezamento e melhoramento prolongaram-se durante séculos.



3

Capela de São Miguel, Universidade de Coimbra

Situa-se no Pátio das Escolas

- Faz parte do conjunto arquitetónico do Paço das Escolas (núcleo histórico da Universidade de Coimbra).
- Data do século XVI, tendo sido patrocinada por D. Manuel I.
- O estilo manuelino está patente no portal lateral, janelão e arco de cruzeiro.



4

Convento de Cristo

Situa-se na Colina do Castelo, Tomar

- Espetacular monumento nacional, ligado à Ordem de Cristo e, por isso, às descobertas marítimas portuguesas.
- No reinado de D. Manuel, foi ampliado com novos espaços, como a nave manuelina, o Coro Alto e a Sala do Capítulo (onde se situa a famosa Janela da Sala do Capítulo, símbolo da expansão marítima portuguesa).



5

Igreja Matriz da Golegã

Situa-se no Largo da Imaculada Conceição, Golegã

- Construção custeada, em parte, por D. Manuel, cujos símbolos pessoais (escudo real e esfera armilar) surgem em vários pontos do edifício.
- Destaque para o magnífico portal manuelino.



6

Mosteiro dos Jerónimos

Situa-se na Praça do Império, Lisboa

- Mandado construir nos inícios do século XVI por D. Manuel, as obras foram custeadas com as receitas do comércio oriental.
- Edifício impressionante pela sua dimensão, altura e variedade de esculturas decorativas, é uma obra-prima do estilo manuelino.
- O conjunto monumental é constituído pela igreja, pelo mosteiro e o seu respetivo claustro, tendo como principais destaques os pórticos, a abóbada da igreja e a riqueza escultórica do claustro.



7

Torre de Belém

Situa-se na Avenida de Brasília, Lisboa

- O mais original monumento de Lisboa, testemunho exemplar do estilo manuelino e símbolo da expansão marítima portuguesa.
- Construída nos inícios do século XVI, designada de Baluarte de São Vicente ou Baluarte do Restelo, tinha por função defender a entrada do rio Tejo da ameaça de navios inimigos.
- Reproduzindo uma antiga nau e de grande beleza arquitetónica, está cheia de elementos decorativos manuelinos.



Palácio Real de Sintra

Situa-se no Largo da Rainha D. Amélia, Sintra

- Obra com características de vários estilos artísticos, com destaque para o gótico e o manuelino.
- Constituído por vários espaços ou núcleos, como a Sala dos Brasões, Sala Moura, Sala das Pegas e a Sala da Audiência.
- Todos os seus vários corpos ou núcleos surgem interligados por corredores, galerias, pátios e escadarias.



Centro Histórico Manuelino de Évora

- Os traços do estilo manuelino encontram-se patentes um pouco por todo o centro histórico da cidade: Janela de Garcia de Resende, Portas de Moura, Mirante da Casa Cordovil, Janela do Palácio dos Duques de Cadaval, Igreja de São Francisco, Galeria das Damas (Palácio de D. Manuel), Ermida de São Brás e o Palácio de Sepúlveda, entre outros.



Igreja Matriz de Ponta Delgada

Situa-se no Largo da Matriz, Ponta Delgada

- Uma das mais antigas igrejas da ilha de São Miguel.
- O atual templo foi construído em meados do século XVI, com apoio dos reis D. João III e D. Sebastião.
- Construída inicialmente em estilo gótico e manuelino, sofreu grandes remodelações no século XVIII.



Sé do Funchal

Situa-se na rua do Aljube, Funchal

- O primeiro templo cristão construído pelos Portugueses em terras alcançadas pela expansão marítima.
- Edifício de estilo manuelino, foi erigido nos finais do século XV pela Ordem de Cristo.
- Destaque para os assentos da capela-mor e para a cruz processional oferecida por D. Manuel I.



Casa do Infante – Museu

Rua da Alfândega, Porto

Tel.: 222 060 435

casadoinfante@cm-porto.pt

A Casa do Infante abrange, hoje, vários antigos edifícios da Coroa no Porto: Alfândega, Casa da Moeda e a Contadoria da Fazenda. A sua história remonta a 1325, ao tempo de D. Afonso IV; segundo a tradição, o infante D. Henrique, terá aqui nascido a 4 de março de 1394. O Museu e o Centro de Interpretação do Infante D. Henrique são importantes espaços de visita.



World of Discoveries

Rua de Miragaia, 106, Porto

Tel.: 220 439 770

worldofdiscoveries.com

Em 5000 metros quadrados, pode-se ver réplicas de caravelas, ir ao encontro de momentos-chave da época da expansão, como a conquista de Ceuta, a passagem do Bojador, a chegada à Índia e ao Brasil. Trata-se de um excelente parque temático muito informativo e divertido.

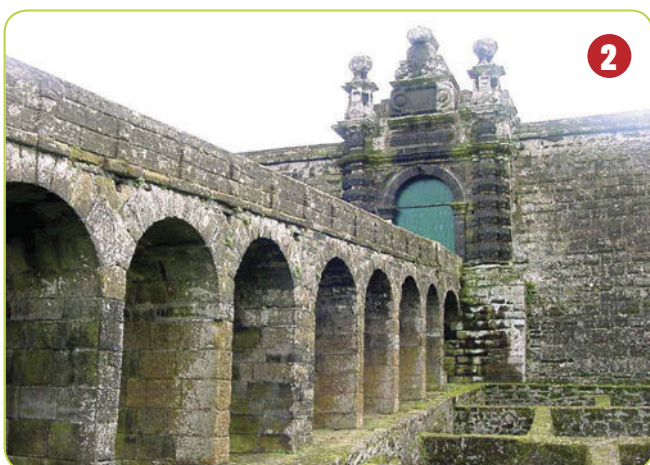




Forte de São Sebastião

Situa-se na rua do Castelinho, Angra do Heroísmo, ilha Terceira, Açores

- Mandado construir por D. Sebastião, as obras prolongaram-se até finais do século XVI.
- Importante meio de defesa de Angra do Heroísmo contra a pirataria que atacava os barcos da “Carreira da Índia” e do Brasil que aí aportavam, no regresso a Portugal.
- Classificado, juntamente com o Centro Histórico de Angra do Heroísmo, como Património da Humanidade em 1983.



Fortaleza de São João Batista

Situa-se em Angra do Heroísmo, ilha Terceira, Açores

- Faz parte de um complexo defensivo, iniciado durante a dinastia filipina (1580-1640), para proteção das frotas de prata americana e das rotas de comércio da Índia e do Brasil.
- Após a sua tomada pelos Portugueses na década de 1640, construiu-se, na Praça de Armas, a Igreja de São João Batista, a primeira após a Restauração da Independência.
- Edifício militar considerado Património da Humanidade, desde 1983.



Fortaleza de São Filipe

Situa-se na Estrada do Castelo de São Filipe, Setúbal

- Construída no início da ocupação filipina, no reinado de Filipe I, a fim de reforçar a defesa de Setúbal face aos ataques da pirataria.
- Ampliada no reinado de D. João IV a fim de aumentar o poder de fogo da artilharia.



4

Praça-Forte de Elvas

Situa-se na freguesia de Alcáçovas, Elvas

- Poderoso sistema defensivo que, no século XVII, tinha uma tripla cintura de muralhas, vinte e duas torres e onze portas.
- É constituída por: Forte da Graça (a mais poderosa fortaleza), Forte de Santa Luzia e por quatro fortins.
- É Património da Humanidade desde 2012.



5

Fortalezas da Guerra da Restauração

- Para além dos fortes e fortins de Elvas, merecem destaque várias praças construídas ou remodeladas durante a Guerra da Restauração (1640-1668), como as de Valença do Minho, Almeida, Salvaterra do Extremo (Idanha-a-Nova), praças raianas de Trás-os-Montes (Miranda do Douro, Bragança, Chaves) e os fortes de São João Batista e São Francisco Xavier (Castelo do Queijo, na imagem), no Porto.



6

Aqueduto das Amoreiras

Situa-se na freguesia de São Brás e São Lourenço, Elvas

- Iniciado no reinado de D. João III, a sua construção só se efetivou entre 1570 e 1620.
- Construído para abastecer de água a praça-forte de Elvas, tem cerca de 1360 m de galerias subterrâneas, mais de 5500 m à superfície, 843 arcos e elevadas torres.
- É o maior aqueduto da Península Ibérica, considerado Património da Humanidade desde 2012.



Paço dos Duques de Bragança

Situa-se no Terreiro do Paço, Vila Viçosa

- Residência dos Duques de Bragança, desde o século XVI até à queda da monarquia, em 1910.
- Destaque para a ala principal (1.º piso), com várias salas com tetos pintados do século XVII, como a Sala dos Duques.



Palácio da Independência

Largo São Domingos, Lisboa
Tel.: 21 324 1470

Foi nesta casa que D. Antão de Almada e os 40 conjurados planearam a revolta que deu origem à Restauração da Independência de Portugal, no dia 1 de dezembro de 1640. A visita deve incidir nas janelas manuelinas, no jardim junto à Cerca Fernandina e os painéis de azulejos alusivos à Restauração.



Museu-Biblioteca da Casa de Bragança

Terreiro do Paço, Vila Viçosa
Tel.: 268980659
palacio.vilavicosa@fcbbraganca.pt

O Museu da Casa de Bragança foi mandada instalar, por testamento, por D. Manuel II. Dele constam a Armaria, o Tesouro e o Museu das Carruagens, entre outros espaços. As coleções de Arqueologia e de Caça encontram-se no Castelo, construído cerca de 1530.

Sugestões de utilização do jogo *Vamos começar... Descobre o teu Manual!*

O jogo *Vamos começar... Descobre o teu Manual!* permite que os alunos descubram o Manual *Rumos 5* de uma forma simples, lúdica e eficaz! A exploração, individual ou em grupo, das principais secções e rubricas permite a rápida familiarização dos alunos com o Manual e promove a autonomia na sua utilização.

Conteúdo do jogo:

- 30 cartões com questões relativas ao Manual + 2 cartões em branco (que permitem ao Professor formular questões a seu gosto, para além das 30 questões propostas).

Desenvolvimento do jogo:

- Baralham-se os cartões com questões e distribui-se um cartão por cada aluno (ou um ou mais cartões por cada grupo de alunos).
- Cada aluno/grupo de alunos lê a questão do cartão e tenta descobrir a resposta, através da consulta do Manual (durante o intervalo de tempo estipulado pelo Professor).
- O Professor corrige a resposta e indica o aluno/grupo de alunos que deve jogar de seguida.

Propostas de soluções das questões dos cartões:

1. Rumos 5. 2. Nau. 3. Os Descobrimentos Portugueses. 4. 200. 5. Páginas 2 e 3. 6. Três (Temas A, B e C). 7. Dois (A1 e A2). 8. Quatro (B1 a B4). 9. Três (C1 a C3). 10. Páginas 8 e 9. 11. Página 17, por exemplo. 12. Página 36, por exemplo. 13. Página 41, por exemplo. 14. Página 34, por exemplo. 15. Do lado esquerdo. Do lado direito. 16. "Ponto de Partida" (p. 12, por exemplo). 17. "Sabias que..." (p. 19, por exemplo). 18. "Património" (p. 39, por exemplo). 19. "Quem foi?" (p. 55, por exemplo). 20. "Agora, responde". 21. "Não te esqueças". 22. "Em Foco". 23. "Flash – naquele tempo também aconteceu...". 24. "Em Poucas Palavras". 25. "Verifica se sabes...". 26. "Prova o que sabes". 27. Um glossário de verbos de instrução. 28. Quatro guiões de visionamento de filmes e quatro páginas com dias comemorativos. 29. No capítulo C1 – "Mosteiros, Castelos e Casas dos Campos e das Cidades"; no capítulo C2 – "Nas Ondas do Atlântico e do Índico". 30. No verso da capa e na primeira página.

Grelha de pontuação do *Jogo dos Quês**

Grupos	Questões																TOTAL
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	
Grupo 1																	
Grupo 2																	
Grupo 3																	
Grupo 4																	
Grupo 5																	
Grupo 6																	

*Grelha de pontuação disponível, em formato projetável e editável em **20 AULA DIGITAL**, de forma a ser adaptada pelo Professor ao grupo/turma.

Execução Gráfica
EIGAL

Depósito Legal
N.º 404 590/16

ISBN
9788888906195

Ano / Edição / Tiragem / N.º Exemplares
2016 / 1.ª Edição / 1.ª Tir. / 4000 Ex.

